Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I — Bello Horizonte, 8 de Março de 1925 — N.º 1

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 210
Data 24.07.99
BIBLIOTECA

SUMMARIO

Homenagem. Revista do Ensino. Uma palavra aos professores. O individualismo e a autoridade em educação. O trabalho escolar. Ensino primario profissional. Ensino normal. A's creancinhas. A linguagem affectiva. Edificio escolar. Alumnos indigentes. Arvore do Bem. Gonzaga. Consas de instrucção. Cultivo de uma especialidade. Os methodos novos no ensino primario. Movimento escolar. Os tamanquinhos de Narciso. Directoria da Instrucção. Novos predios para grupos escolares. Do canto nas escolas. Os nossos bons professores. Os methodos escolares do Estado em 1924. Clubs Agricolas de meninos e moças. Assistencia dentaria escolar. Novos rumos educativcs. O ensino de pharmacia. Associação das Mães. Assistencia Medico Escolar.

Estampando, no seu primeiro numero, os retratos dos Drs. Mello Vianna e Sandoval de Azevedo, presta a *Revista do Ensino* a esses dous dignos mineiros, uma justa e merecida homenagem, pelos inestimaveis serviços que aos mesmos deve a causa da instrucção no nosso Estado.

Revista do Ensino

Com o presente numero, iniciamos a publicação da Revista do Ensino, creada pelo novo regulamento, cujas disposições abaixo reproduzimos:

Art. 479. A Directoria da Instrucção publicará, mensalmente, a Revista do Ensino, destinada a orientar, estimular e informar os funccionarios do ensino e os particulares interessados em assumptos com este relacionados.

Art. 480. A Revista do Ensino deverá constar:

1.º de uma parte doutrinaria destinada a:

a) dirigir o professorado publico do Estado, harmonizando seus esforços;

b) pôl-o ao corrente da evolução do ensino primario em todos os seus aspectos;

c) publicar-lhe os trabalhos ou extractos destes, quando de evidente interesse didactico;

2.º de uma parte noticiosa destinada a publicar:

a) factos e occurrencias locaes, nacionaes ou extrangeiras, que possam orientar os funccionarios do ensino;

b) dados estatisticos relativos á instrucção;

c) actos officiaes que interesse aos funccionarios do ensino conhecer.

Art. 481. A parte doutrinaria deverá limitar-se á publicação de pequenos trabalhos de interesse immediato, resumos de obras e de artigos extrahidos de revistas congeneres, nacionaes ou extrangeiras.

Art. 482. Os trabalhos de collaboração dos funccionarios do ensino, quando contiverem materia relevante, serão publicados na integra, ou em resumo, segundo o maior ou menor merecimento delles.

Art. 843. O Director da Instrucção fará publicar, sempre que julgar conveniente, na integra, ou em resumo, os relatorios dos inspectores technicos regionaes.

Art. 484. A Revista do Ensino será dirigida pelo Director da Instrucção, que escolherá, dentre os funccionarios do ensino de maior merecimento, um auxiliar para encarregar-se da redacção da mesma.

Paragrapho unico. O funccionario, assim escolhido, receberá, além de seus vencimentos, uma gratificação arbitrada pelo Secretario do Interior.

Art. 485. A Directoria da Instrucção porá á disposição da Revista do Ensino um amanuense e um auxiliar, para os serviços de revisão de provas, escripturação e expediente.

Art. 486. Emquanto se não organizar definitivamente a Revista do Ensino, as materias constitutivas da mesma irão sendo publicadas, em supplemento, no Orgão Official dos Poderes do Estado.

As disposições regulamentares definem perfeitamente a natureza da Revista.

Convidamos alguns collaboradores; acceitamos, porem, as contribuições que nos forem enviadas por quem quer que seja, desde que venham assignadas pelos seus auctores e merecam ser publicadas.

A Revista publicará tambem artigos sobre Historia do Brasil e, especialmente sobre a Historia de Minas Geraes cujo valor educativo não é preciso encarecer.

Trabalhos meramente litterarios aqui encontrarão acolhida, desde que se relacionem com o objectivo geral da Revista.

Esperamos, dentre em breve, publicar a Revista em folheto separado. Desde já, porém, são adoptadas as dimensões definitivas de cada pagina, podendo ser guardados os supplementos do Orgão Official do Estado, para uma futura encadernação,

A Directoria da Instrucção.

UMA PALAVRA AOS PROFESSORES

Das questões economica, sanitaria e outras que tanto preoccupam aos pensadores e dirigentes do Brasil, nenhuma sobreleva á do ensino publico. A educação popular é a base de todo avanço material e moral. Um povo ignaro não pode progredir; ha de marchar a passo, creando pouco e explorado no seu trabalho e na sua producção pelos povos mais esclarecidos.

Educar o povo não é porém ensinal-o apenas a lêr e escrever. A leitura e escripta são meros instrumentos de instrucção. Devolver o joven á sociedade sabendo apenas lêr e escrever, é o mesmo que entregar a um aprendiz uma enxó e uma serra e despedil-o da officina. Um e outro entrarão na vida com esses instrumentos de que não sabem usar, e cujo manejo não tardarão a abandonar e esquecer.

O dever do mestre é proporcionar aos alumnos esses instrumentos de instrucção e ensinal-os a usar delles, explicando-lhes as palavras e o sentido do que lêm e como devem redigir, dando ás idéas expressão logica, antes de lançal-as no papel.

Ao mesmo tempo deve o professor transmittir aos alumnos os conhecimentos elementares das sciencias, da geographia e da historia, e as noções civicas e moraes; narrar-lhes e commentar os factos contemporaneos de modo que, deixando a escola, com esse inicio de educação possam elles continual-a com seus meios proprios.

Tenha sempre em vista o professor que a educação primaria é a unica que receberá a maior parte dos seus alumnos. Os que tiverem completado o curso escolar com aproveitamento, poderão desenvolver a sua educação por si proprios, conquistando na sociedade uma posição correspondente ao esforço que despenderem. Mas aquelle que abandona a escola, mal aprendeu a lêr e escrever, não tardará a recahir no analphabetismo.

Lendo mal, com pequeno vocabulario e o espirito pouco desenvolvido, não mais abrirá livros, porque para elle a leitura em vez de prazer é um sacrificio. E' como o estudante que passou por condescendencia o exame de latim ou allemão e que nunca mais se dará ao trabalho penoso de lêr uma pagina nessas linguas.

Cumpre ao professor esclarecer os paes, attrahir e conservar na escola os seus jovens patricios, abrindo-lhes ao espirito os horizontes que por si mesmos não poderão desvendar. Por isso é que se equipara o magisterio a um sacerdocio e que os povos cultos cercam de considerações e respeito ao professor—obreiro fundamental de todo progresso de um paiz.

Para poder educar, o professor deve aperfeiçoar a sua educação, adquirir constantemente novos conhecimentos, (porque os homens, inclusive os sabios, aprendem até morrer) estar ao par dos progressos nos methodos de ensinar e não perder o estimulo de prestar á sociedade os serviços que delle espera.

E' esse um dos objectivos da Revista do Ensino, inaugurada pelo Secretario do Interior Dr. Sandoval de Azevedo, cujo carinhoso interesse pela educação popular assignalará benemeritamente a passagem desse já illustre mineiro pelo governo do nosso Estado.

MARIO BRANT

O INDIVIDUALISMO E A AUCTORIDADE, EM EDUCAÇÃO

Trechos de uma conferencia realisada em S. Paulo, em 1918

(LUCIO JOSE' DOS SANTOS)

Segundo Rousseau, o homem é bom e perfeito por natureza; é a sociedade que o deprava. Em consequencia, deve a educação ser a mais natural, deixando-se a creança entregue á si mesma, á sua espontaneidade, á sua iniciativa.

Até aos 12 annos, deve o educador desenvolver apenas os sentidos do alumno, deixando o sem vicios, sem virtudes, sem idéas preconcebidas, no estado natural.

As unicas cousas, que lhe podem ser ensinadas, ainda assim em pequena dóse, são a musica e o desenho.

Aos 12 annos, começa a instrucção, mas fracamente.

O methodo de ensino é o socratico: fazer com que a criança descubra, por si mesma, a verdade. Nada de livros; nada de ensino dogmatico.

Em seguida, dos 15 aos 20 annos, começa o ensino das Sciencias physicas e da Astronomia, experimentalmente sempre. A propria Geographia é ensinada por esse methodo.

Nessa epocha o alumno é, apenas um rapaz robusto, mas egoista, sem idéa religiosa.

Agora, vae elle tornar se affavel, delicado, e afinal, religioso, depois dos 20 annos.

A influencia das idéas do illustre sophista suisso foi immensa. Todos os pedagogos do seculo XVIII inspiraram-se, mais ou menos, nas idéas de Rousseau; assim Basedow, Pestalozzi, Fröbel, etc.

Pestalozzi, como Rousseau, suppõe a criança boa e perfeita por natureza, e condemna a instrucção exclusivamente pelos livros; em grande parte, porém, desvia se do methodo preconisado pelo philosopho de Genebra.

Pestalozzi a'lia a instrucção ao trabalho manual; pratica, em parte, a educação dogmatica; usa e mesmo abusa de qua-

Grupo Escolar de Theophilo Ottoni — Frente do edificio

dros synopticos e dos meios mecanicos de ensino. Foi admiravel no emprego do methodo intuitivo e do ensino collectivo.

O seu discipulo e continuador foi Fröbel, o creador dos «Jardins da Infancia.»

Kant inspirou-se em algumas idéas de Rousseau; deixou o longe, porém, produzindo uma Pedagogia de alto valor.

Ao contrario do autor do «Emile», suppõe Kant que o homem é naturalmente mau e que, só pela educação, se torna verdadeira e dignamente homem.

Segundo Condillac, a educação nada vale, si não é uma deducção da Psychologia, etc.

Divergindo de Rousseau, quer elle que se falle mais á razão do que á imaginação e á memoria da creança.

Mallebranche e Diderot queriam tambem uma educação pela razão.

La Chalotais, grande inimigo dos Jesuitas e dos Irmãos das Escolas Christãs, accusava «especialmente essas congregações por ensinarem indistinctamente ao povo como a qualquer outra classe social, sustentando haver pessoas na sociedade, que não precisam nem mesmo devem, ás vezes, receber instrucção.

Voltaire não estava longe de pensar tambem desse modo, porquanto, na sua opinião, para a felicidade do Estado, é necessario que haja ignorantes.

Não vale a pena deter-se alguem na Pedagogia revolucionaria. Neste, como em quasi todos os assumptos, a Revolução demonstrou a mesma esterilidade e impotencia.

Danton e Barrère pensavam como Platão, isto é, que a criança pertence ao Estado.

As idéas de Roland, Talleyrand e Lepelletier-Saint-Fargeau eram verdadeiras aberrações. Chénier, que aliás possuira uma concepção mais elevada nesse terreno, só encontrou como meios educativos as festas patrioticas: festas da republica, da mocidade, da velhice, dos esposos, do reconhecimento, da agricultura, da liberdade etc.

As utopias de Saint Simon, Fourier, Considerant, Cabet, Jacot e outros não merecem menção.

Mme. Campan, Mme Rémusat e Mme Guisot foram excellentes educadoras, mas não formaram propriamente escola.

O exame desse assumpto levar-me-ha longe da minha these.

—

Rousseau suppõe a criança perfeita, fundamentalmente boa: é um erro.

Kant affirma que a criança é naturalmente má e que só se torna boa pela educação: é outro erro.

Nem uma, nem outra cousa.

A criança é innocente e boa, porque não conhece o mal; e é má, porque os seus instinctos a impellem para o mal e porque, muitas vezes, embora sem o saber, commette o mal.

Nessa obra magistral, que encerra uma Psychologia profunda da natureza humana, desde o berço, nas «Confissões», disse Santo Agostinho: A criança é innocente por causa da sua fraqueza e da sua impotencia; não, porém, pelas disposições da sua alma.»

Embora admittindo o peccado original, está a doutrina catholica muito longe de ensinar a perversão nativa do homem.

A culpa original pesa sobre nós, é uma força que nos impelle ao mal. A graça age em nós, para operar a nossa salvação; e a graça é um dom sobrenatural que Deus nos concede gratuitamente, por causa dos merecimentos de Jesus Christo.

Para evitarmos o mal e praticarmos o bem, collocou Deus em nós duas luzes—a razão e a fé. A razão guia-se pelos principios do bem o do justo, principio que encontra em si mesma. A fé orienta-se pela influencia que recebe directamente de Deus, que lhe vem, pois, de mais alto.

A doutrina christã pois, esclarece admiravelmente a figura da criança, egualmente longe dos excessos de Roussan e de Kant.

Dahi procede toda uma pedagogia. A criança tem disposições naturaes que devem ser apenas cultivadas e desenvolvidas, estimuladas, e orientadas, sem a autoridade, por uma cultura adequada.

A criança, manifesta tendencias que precisam ser contrariadas ou apenas rectificadas, exigindo-se necessariamente a autoridade.

(Continúa)

O TRABALHO ESCOLAR

precisa ser distribuido pelos alumnos conforme a capacidade mental de cada um destes

(IGNACIA GUIMARÃES)

Uma das grandes vantagens da adopção dos tests de intelligencia, nas escolas, verifica-se na distribuição do trabalho escolar das classes

Na escola antiga, o professor determinava o mesmo trabalho para todos os alumnos, sem atender á differença do desenvolvimento mental, que existe entre elles. E que o professor antigo desconhecia, por completo, a existencia de differenças individuaes, que constituem materia de estudo e observações constantes nos laboratorios de pedagogia e psychologia modernas.

Não ha em uma classe, por mais escolhidos que sejam seus membros, dois alumnos perfeitamente eguaes. Como não existem duas pessoas perfeitamente identicas no physico, assim tambem não existem no psychico. Não commette, pois, um grande erro o professor que espera trabalho perfeitamente identico, em quantidade e qualidade, de alumnos que representam individualidades differentes?

O professor que não estabelece differença no trabalho que exige de seus alumnos, prova grande desconhecimento da pedagogia moderna. Não se revela menos deshumano que os Gregos, castigando com a morte os pequenos infelizes que vinham ao mundo com defeitos physicos, quando castiga aquelles que não aprendem ou não trabalham conforme delles é exigido. Em que se basea o trabalho que o professor rotineiro dá ao alumno? Em tudo:—programma a ser exgottado; exames, exigencias das autoridades escolares; competição com outras classes; fiscalização dos paes e tantas outras cousas. Nunca, porém, no factor mais importante a considerar: a capacidade mental da criança.

Assim procedendo, o professor destróe, inconscientemente, muitas capacidades superiores, e esmaga muitas de qualidade inferior, porém que, convenientemente tratadas, produziriam algo de bom.

Illustremos. Um alumno de sete annos de idade chronologica entra á escola. E' analphabeto. Apezar de ter um desenvolvimento mental egual ao de uma criança de nove annos, elle é classificado no primeiro anno do curso, onde se acham outras crianças de sua idade. Devido á sua superioridade de intelligencia, é o primeiro a aprender as lições. Sabe-as de cór e salteado, como vulgarmente se diz. Mas os demais alumnos da classe não as sabem ainda. Que faz o professor? Repete, repete, torna a repetir as mesmas lições. O alumno superior cansa-se de ser alumno passivo e quer arvorar-se em professor ou adjuncto deste. Não sendo chamado, elle quer responder pelos outros.

A professora reprehende-o. Elle insiste. E' castigado com detenção na escola.

Não mais desobedece o professor. Quando este está a repetir as lições, o privilegiado—arranha a carteira com um alfinete, ou rasga as folhas do livro; belisca o companheiro ou faz careta para o mais brigador da classe, e, dia após dia, vae se tornando mais indisciplinado, até que se torna incorrigivel.

O pobre repetidor de lições, por sua vez, toma tal aversão á escola e aos estudos que, como já se ouviu de um delles, chega ao ponto de pedir fervorosamente a Deus que mude a cor de sua pelle; que o faça preto como o filho da lavadeira que jamais fôra mandado áquelle supplicio.

O professor moderno conhece o grau de intelligencia de cada um de seus alumnos e é este grau que determina a qualidade e a quantidade de trabalho que elle dá ao alumno, e os resultados que elle deve esperar e exigir.

Assim, o alumno de intelligencia superior trabalha duas vezes mais que o de intelligencia normal e tres vezes mais que o de intelligencia retardada, digamos. Tambem na qualidade, o trabalho precisa ser graduado pela intelligencia do alumno.

Distribuido o trabalho conforme a capacidade de cada alumno, muitos problemas serios de disciplina ficarão perfeitamente resolvidos. Os alumnos trabalharão com mais interesse e satisfacção e o professor pode dedicar o tempo e a energia que despende em fiscalização e correcção de faltas de disciplina, em cousas mais importantes ao desenvolvimento da educação.

(Continúa)

ENSINO PRIMARIO PROFISSIONAL

Devem existir ligações entre o ensino profissional e o ensino primario propriamente dito? Quaes?

Si tomarmos a palavra «ensino profissional» em sua accepção lata, a negativa se impõe, porquanto *«lato senso»* a expressão, *ensino profissional* é todo ensino, que visa habilitar para uma profissão qualquer e, encaradas sob esse aspecto, as faculdades de direito, as escolas de medicina são estabelecimentos de ensino profissional»—Buisson (*N. D. de Pédagogie*).

Tomada aquella expressão em sua accepção restricta,—a elucidação da presente these dependerá da maior, ou menor

extensão que tenha aquelle ensino nos estabelecimentos primarios propriamente ditos. Assim, si a extensão dada fôr tal que o Estado converta o educando num operario ou num artifice,—subsistirá a negativa, porque não é essa a missão exclusiva, ou primordial do ensino primario propriamente dito. Si, porém, o ensino profissional for ministrado por fórma tal que seja antes um ensino meramente manual, educador dos sentidos, encaminhador das faculdades motoras, iniciator da dexteridade e da motilização, apenas preparatorio do ensino profissional propriamente dito, que se ministrará em outras escolas adrede organizadas (escolas de aprendizes artifices, institutos profissionaes, escolas de commercio, escolas agricolas),—inpõe-se a affirmativa : —Devem existir lagrimes entre o ensino profissional, considerado como meramente manual, e o ensino primario propriamente dito.

Por que?

Porque :

a) sendo dois os grandes ramos da actividade humana : *trabalho intellectual* (base das artes liberaes) e *trabalho manual* (base das artes mechanicas),—o ensino d'aquelle, desassociado d'este, desintegra a actividade humana, insula um ramo do outro, desenvolve o primeiro em detrimento do segundo ;

b) «o ensino primario propriamente dito se propõe antes de tudo á educação geral das faculdades da criança». (*Decreto do Estado de Minas Geraes*, n. 4 041 de novembro de 1913—Introducção aos Professores) ;

c) «o ensino primario propriamente dito deve servir de base aos conhecimentos technicos da profissão, que mais tarde o educando irá abraçar»—Idem ;

d) segundo Locke, o trabalho manual é o unico capaz de realizar o equilibrio entre o ser physico e o ser intellectual ;

e) o trabalho manual exercita as tres faculdades maximas da *actividade* : attenção, percepção e intuição;

f) disciplinia o educando, affazendo-o ao *methodo* e á paciencia ;

g) desperta na criança a revelação de aptidões latentes e fomenta o gosto esthetico ;

h) «a actividade dos sentidos constitue a base da actividade psychica» (Faria de Vasconcellos) ;

i) «existe uma relação entre o desenvolvimento da intelligencia e a energia dos movimentos volitivos» (Féré) ;

j) «a energia e a dexteridade da mão estão em correspondencia com o desenvolvimento intellectual» (Idem) ;

k) segundo Sundberg, o trabalho manual pedagogico, habituando os olhos a ver, as mãos a trabalhar, e contribuindo para o desenvolvimento physico e moral dos alumnos,—constitue um contrapeso á pedagogia puramente livresca ;

l) da ligação do ensino manual ao primario propriamente dito resulta a associação harmonica e integral das funcções psychicas á actividade organica, resulta a unidade do organismo em suas acquisições physicas, intellectuaes e moraes (Faria de Vasconcellos);

m) «com o trabalho manual a actividade muscular augmenta a excitabilidade psychica e esta, por seu turno, augmenta a energia dos movimentos voluntarios, estabelecendo assim o equilibrio physiologico» (Idem);

n) «educando o sentido da vista, habilita-a ao conhecimento das *noções* seguintes : direcção, distancia, volume e movimento (Idem) ;

o) adextrando o sentido da vista e o sentido do tacto, subordinando este áquelle, permitte estabelecer relações de *associação* entre um e outro ;

p) assegura ao alumno, ao deixar a escola, meios materiaes de existencia ;

q) segundo o *systema economico* (um dos 2 systemas do ensino primario de trabalhos manuaes) o trabalho «fomenta as forças geratrizes das riquezas sociaes» ;

r) segundo o *systema pedagogico* (contraposto ao acima enunciado) o trabalho manual é excellente meio educativo, que consegue imprimir á mão uma «aptidão geral ás diversas circumstancias da vida pratica ;

s) Rousseau, baseado no paradoxo de que «o homem é tanto mais perfeito quanto mais proximo da natureza» proclamava as excellencias do trabalho manual no seguinte asserto: «O trabalho manual é a occupação que mais approxima o homem do estado da natureza» (*Emilio*).

t) segundo Guémied (*na Revista do Ensino Profissional*), «assim como no mundo physico um reduzido numero de leis explica uma infinidade de phenomenos, assim como no reino animal a immensa variedade das especies procede de um numero reduzido de typos fundamentaes, — assim o homem, com materiaes pouco numerosos e com o auxilio de instrumentos ordinariamente os mesmos, pode executar obras de uma variedade illimitada. O trabalho industrial pode limitar-se a umas tantas operações fundamentaes, taes como: alizar, aplanar, ajustar e tornear».

Completando o pensamento de Guémied, diremos nós:

Qual o ensino que habilita ás operações fundamentaes do trabalho industrial? O ensino manual. Logo, o ensino manual estará para o trabalho industrial, como está o abecedario para a escripta, como estão os algarismos para a contabilidade, como estão os phonemas para a linguagem. Elle representa, na technica profissional, o maximo de simplicidade, — ponto de partida para a maxima complexidade.

u) já no seculo 17 e 18 espiritos como Diderot, Cumenius, Rabelais, Rousseau, Saint Just e Babeuf aventuraram a necessidade de introduzir-se o ensino manual nas escolas: Cumenius condensou na seguinte divisa a associação do ensino classico ao ensino manual — *ubi omnes, omnia omnino docendur*;

v) a Revolução Franceza, base da metamorphose social que innovou as instituições, acompanhando o alvitre suggerido por aquelles philosophos, fez inserir nos decretos da Convenção a doutrina de que «assim como todos tinham o direito de participar da cultura intellectual, — assista-lhes o dever de concorrer», pelo exercicio do trabalho manual, para a *producção collectiva dos valores uteis*;

x) em França a lei de 28 de março de 1882 instituiu officialmente o ensino manual, inclusive o manejo de utensilios dos principaes officios. Essa mesma lei affirma, peremptoriamente, que «todos têm o dever de habilitar-se ao trabalho manual», reflectindo assim fielmente o mesmo pensamento, publicamente revelado um seculo antes pelos precursores de um novo advento para a Civilização;

y) sendo 4 as gradações do trabalho mechanico, a saber: *manual, profissional, technico e industrial*,—é mister começar pelo primeiro, para depois passar ao segundo e deste, successivamente, aos outros dois. Ora, si os 3 ultimos não podem ser ministrados na escola primaria propriamente dita, — deve sel-o o primeiro, porque, si o não fosse, ficaria o educando inhibido de matricular-se em institutos mais adeantados, exclusivamente profissionaes, technicos, ou industriaes.

Passemos agora á 2.ª parte do enunciado da These:

Quaes as ligações que devem existir entre o ensino profissional e o ensino manual propriamente dicto?

a) o ensino manual deve estar ligado intrinsecamente ao ensino do desenho, que deve preexistir áquelle;

Em sua obra *Emilio*, Rousseau accentua a importancia do desenho na educação como «essencial ao desenvolvimento da precisão na percepção visual». Quatro annos depois do apparecimento de *Emilio*, o pintor Bachelier (1766) proclamava o Desenho «factor preparatorio do apprendizado manual, ponto de partida da educação profissional». Mais tarde o estatuario Eugène Guillaume fundou o methodo de ensino do Desenho baseado na geometria, o qual recebeu o nome de *Methodo Geometrico*, e vigorou muito tempo nas escolas primarias elementares e superiores, normaes, lyceus e gymnasios, até ser substituido pelo *methodo intuitivo* de Ravaisson, que tinha por base «a observação directa da natureza». Era um methodo experimental, cujos principaes caracteristicos foram assim formulados por Gustave Belot:

a) a observação directa da natureza por base;

b) a natureza é concreta: logo, o desenho não deve ser abstracto;

c) o desenho não deve ser impessoal, mas confiado ás aptidões espontaneas, ao gosto innato do alumno;

d) o ensino do desenho deve acompanhar o das *lições de cousas*;

e) coordenação entre o desenho e as outras materias de ensino: o desenho deixará de ser uma technica insulada para fazer parte integrante da systematização geral de estudos;

f) o ensino manual deverá está ligado ao ensino da geometria (linear e plana).

Sem que essa ligação implique o predominio do *methodo geometrico* (já citado) ao *methodo intuitivo* (já referido), —não pode o alumno presentir de conhecer a forma, o relevo, as faces, o contorno dos objectos, apprender a nomenclatura pela qual se designam e se distinguem os diversos aspectos da configuração exterior dos objectos, nomear os

diversos accidentes da forma tangivel das cousas. Accresce que o ensino manual se faz gradualmente, acompanhando progressivamente a maior, ou menor complexidade das formas geometricas. Assim começa pela execução de trabalhos em *fios* de arame ou de fibra (correspondentes ás *linhas*), passa á construcção de triangulos e polygonos feitos de papel, depois á cartonagem com a execução de *cubos* e formas derivadas, conhecimento e medição das faces, arestas e angulos, em seguida á execução de objectos analogos á *esphera* e formas derivadas, depois, successivamente, á de *cylindros, prismas, pyramides*, etc.

g) o ensino manual deve ter ligações com o da arithmetica.

Si, consoante Faria de Vasconcellos (já citado), «o ensino manual habilita a conhecer da direcção, da distancia, do volume e do movimento», si o estudo da arithmetica é connexo com o da geometria (como ramos que são da mathematica); si aquelle preexiste a esta, si esta preexiste ao desenho, e si este preexiste ao ensino manual,—é força convir na ligação d'este á arithmetica.

h) o ensino manual deve ter ligações com as *Lições de cousas*. Embora as *Lições de cousas* não constituam uma disciplina propriamente dita, mas um processo de ensino que por seu turno é uma applicação do methodo intuitivo,—sob este ultimo aspecto não poderão deixar de estar ligadas ao ensino manual, pois este deverá ser ministrado por forma notadamente intuitiva, valendo-se de *modelos*, que poderão ser, ou o proprio objecto tangivel, ou a sua reproducção pelo desenho, ou a sua configuração em alto relevo.

CARLOS GÓES

Ensino normal

Quando, no desempenho da honorissima commissão de estudar como era organizado, sob o ponto de vista de applicação, o ensino paulista e o fluminense, tive de apresentar ao Governo Mineiro, em 1902, as conclusões a que esse estudo me levou, exordiei meu trabalho com esta synthese:

a) fundação da escola;

b) formação do professorado.

Bem certo é que não representava ella nenhuma innovação creadora á theoria pedagogica.

Desde a metade do seculo findo, que foi, por assim dizer, a época da renascença para o ensino primario e normal entre povos cultos, era já preoccupação maxima de governos, legisladores e pedagogistas, o modo concreto de tornar em realidade aquella synthese. Assim, pois, em Minas, mais do que noutras partes da Federação, onde o ensino primario e normal era informe apenas, ankylozado, pelo regimen decahido, em tão criminosa e amorpha hibernação, tornava-se imprescindivel a construcção de novo edificio. Por isso mesmo o sr. Francisco Salles, no anno seguinte, e em mensagem ao Congresso Mineiro, a reproduziu, corroborando, consequentemente, o conceito de que tudo estava para ser creado nesse complicado departamento administrativo.

*
**

Começou com João Pinheiro a reacção reformadora. Mas o seu operosissimo Secretario do Interior, que deu alias um grande impulso ao ingente problema da instrucção popular, deixou-se empolgar, de preferencia, pela expansão do ensino primario, que havia chegado, indubitavelmente, ao ultimo degrão da inutilidade, sem lhe occorrer que fallecia, em absoluto, a materia prima—o professor elementar—isto é, o profissional apto para executar a nova orientação dada ao ensino. Não lhe occorreu a exigencia, nem houve tempo para uma remodelação radical em nossas escolas normaes.

Seria, porém, injustiça flagrantemente clamorosa desconhecer os extraordinarios serviços prestados por aquelle grande trabalhador pela causa do ensino.

Não obstante a fallencia de material, passou o ensino primario, todavia, por enorme transformação.

Após alguns annos de collapso, mórmente quanto ao ensino normal, onde se deturpou quanto tinha sido feito de bom anteriormente, para transformal-o em coisa amorpha, reappareceu com Arthur Bernardes o primitivo impulso, dado por João Pinheiro, largamente agora ampliado pelo sr. Mello Vianna. Com a breve regulamentação do ensino normal, bem coordenados os seus programmas, instituidas as disciplinas escolares de accordo com as nossas necessidades e salutares principios pedagogicos, certamente deixaremos áquelles que nos succederem bases solidas de uma construcção grandiosa.

*
**

Não se póde negar que os institutos normaes mineiros, apesar de informes, como institutos de ensino profissional, têm contudo prestado bom serviço á causa da diffusão da instrucção, em geral, e do combate ao analphabetismo, em particular, mesmo com a deficiencia que se nota no aproveitamento da lingua patria e da pedagogia applicada. Mas os responsaveis por esta anomalia não são elles, e sim os programmas que os submettem, obrigatoriamente, a taes deficiencias.

Pelo regulamento Carvalho Britto, com todas as suas lacunas, a parte referente á pedagogia tinha muita cousa de pratico, de util, de aproveitavel. O que o revogou supprimiu do ensino normal o programma pedagogico (!) A esse, succedeu o actual, que já foi grandemente decapitado e... ainda é um mostrengo!

Ora, sem o manejo consciente da lingua patria e desordem com que a pedagogia é orientada em nossas escolas, como poderá uma normalista coordenar utilmente o ensino primario?

A parte mais proveitosa para este ensino, mas tambem a que requer maior aptidão para o desdobramento vantajoso, é, de facto, o ministrado pela intuição. Mas si as nossas normalistandas recebem a pedagogia através de pontos decorados nas escolas... Por isso mesmo o ensino intuitivo é, para ellas, escôlho onde naufragam quaesquer aptidões pedagogicas que tenham quanto á arte de ensinar.

Sem duvida saberão dar uma definição, por terem-na retida na memoria, ao se lembrarem do ponto decorado. E a sua auplicação pratica?

«La méthode intuitive ne se borne pas, diz com muita razão notavel pedagogista, á cette éducation des sens et par les sens: c'est par la qu'elle commence, sans doute, mais pour se continuer en se généralisant de plus en plus.

.....

En quoi consiste la méthode intuitive dans toutes les études primaires, qui ne peuvent borner aux leçons de choses?

En une certaine marche de l'enseignement qui réserve à l'enfant le plaisir et le profit, sinon de la découverte et de la surprise, ce qui serait peut-être trop promettre, au moin de l'initiative et de l'activité intellectuelle.

On peut dire qu'on l'instruit par intuition, alors même qu'on ne lui montre ni objects ni images, toutes les fois qu'au lieu de lui faire suivre passivement son maitre et répeter docilement une leçon toute faite, on le provoque à chercher, on l'aide à trouver, on le met sur la voie, suivant une vieille et bien juste image, lui laissant ensuite le mérite d'y faire quelques pas de lui-même».

Pelos conceitos acima transcriptos mostra o notavel mestre de pedagogia applicada de quanto preparo technico, de quanta pratica profissional necessita um professor primario para que possa applicar o methodo intuitivo, no desenvolvimento de intelligencias em formação. E as noções de sciencias naturaes que nossas normalistas adquiram em institutos de ensino profissional, ser-lhes-á inexgottavel manancial para as lições de cousas tão vantajosas quanto ao manejo da intuição.

No ensino rudimentar de lingua patria tambem se póde empregar, lucrativamente, o methodo intuitivo, como no de geographia e no de arithmetica. Mas, mesmo quanto ás naturaes aptidões pedagogicas, é necessario que o ensino normal tenha, para o futuro, um objectivo unico: preparar professores elementares, e não maus mastigadores de preparatorios.

Juiz de Fóra, 10—2—25.

ESTEVAM DE OLIVEIRA

Ás creancinhas

(A. DAUDET)

O' tenras creanças recemnascidas,
De feições'inhas mal definidas,
De labiosinhos semicerrados,
Corpos sadios,
Frescos, macios,
Rosados;

Lirios abertos ha uma hora apenas,
Quando vos vêmos dormir serenas,
Entresorrindo, — então, com grande
Prazer noss'alma,
Feliz e calma,
Se expande...

Por esses olhos errando a êsmo,
Por vossos risos e choros mesmo,
Dos cortinados sob os recamos,
Por tudo quanto
Ha em vós e tanto
Amamos;

Por todos esses doces gorgeios,
Sêde de bençams e affagos cheios,
Rouxinóesinhos sempre joviaes!
Quanta ternura,
Quanta ventura
Nos dais!...

Quando no berço tepido e brando
Dormitais, rindo de quando em quando,
Alguem, num timbre mavioso e bello,
Vos diz baixinho:
«Dorme, filhinho;
Eu vélo...»

Do Anjo da guarda, sempre presente,
(Dormi, dormi sossegadamente!)
E' a voz que em sonhos assim nos fala;
Sob a asa amiga
Vos põe e abriga
E embala.

O' tenras creanças, aves celestes,
Ao paraiso, donde nos viestes,
Um tenue fio segura
Vos traz ainda
A alma tam linda
Tam pura!

Ao lar, ó anjos encantadores,
Fazeis o mesmo que á relva as flores,
Ao céo a estrella quando resplende,
E a agua ao caniço
Triste e enfermiço
Que pende.

Mas uma cousa que falta á estrella
E á flor mais linda, tendes, e ella
Faz que no lucto deixeis as casas
Amortalhadas:
Ai! fostes creadas
Com asas...

ARDUINO BOLIVAR

A Linguagem Affectiva

A um dos collaboradores desta «Revista» foi, ha tempos, dirigida a seguinte consulta:

«Sr. João Massena. — Em um retalho de jornal que junto lhe envio, lê-se uma critica interessante a uns versos de Evaristo da Veiga, versos que desde creança me acostumei a cantar na antiga escola de minha pobre aldeia, julgando que elles estivessem grammaticalmente correctos. Mas chegando agora á cidade, vejo com certo susto que, tanto eu como o meu velho mestre, andavamos enganados. E nem sequer o percebiamos!

Como V. se occupa, ás vezes, destas questões de linguagem, rogo-lhe o obsequio de dizer-me se o critico tem ou não razão? — *Anastacio Boavida*».

Temos recebido varias consultas deste genero, mas sempre hesitamos em responder porque bem sabemos o quanto é difficil agradar a todos. Discordar sem offender é o mais grave problema que temos encontrado no jornalismo, porquanto muitos se julgam mortalmente offendidos só pelo simples e innocente facto de verem suas opiniões discutidas ou contradictadas. A morbida hyperesthesia dos escriptores é conhecida e terrivelmente perigosa.

Comtudo tentaremos uma resposta, pondo aqui toda a meiguice possivel, para ver se ninguem toma por offensa o nosso sincero desejo de esclarecer a quem pergunta.

O alludido retalho de jornal não traz o titulo do artigo nem o nome do autor; mas se não nos falha a memoria, vimos esse escripto ha muito tempo, no *Jornal do Commercio* de Juiz de Fora, assignado por um dos membros da nossa illustre Academia de Letras.

Nessa pagina, o escriptor, quem que quer seja, analysa uma quadra do Hymno da Independencia, que de facto ainda se usa cantar nas escolas primarias e que, como todos sabem, foi composto pelo grande patriota Evaristo da Veiga. A quadra é a seguinte:

«Os grilhões que nos forjava
«Da perfidia astuto ardil,
«Houve mão mais poderosa:
«Zombou delles o Brazil!»

Analysando-a, diz o referido critico que a linguagem de taes versos está inteiramente errada, porquanto elle critico não vê a funcção grammatical ou logica da palavra — *grilhões* —, a qual não é sujeito nem objecto de verbo algum, de modo que o trecho não tem analyse, visto que a primeira oração não se conclúe, deixando o sentido incompleto e suspenso.

De facto, ao primeiro olhar e para quem só examina a linguagem collocando-se no estricto ponto de vista das regrinhas grammaticaes, o trecho parece errado.

No emtanto está perfeitamente certo e o critico, apezar de seus respeitaveis titulos literarios, está enganado e não tem a minima razão.

O seu deploravel engano provém, sem duvida, da falsa supposição em que elle se acha a respeito da boa linguagem, julgando que esta deve estar sempre sujeita a umas tantas regrinhas de grammatica, precisas e infalliveis.

«Falta o verbo que devia corresponder á palavra *grilhões*; — não vejo a funcção logica desse vocabulo; o trecho não tem analyse regular; logo concúe o critico, está errado: vou emendal-o».

E, para não fugir á celebre regra, propõe diversas emendas, todas ellas muito peiores que o soneto.

Mas, felizmente a linguagem não é nem póde ser geometricamente regular; bem ao contrario disso: as irregularidades, as excepções, as anomalias, os illogismos, formando as chamadas figuras de syntaxe ou, melhor formando a linguagem affectiva, é que constituem a maior parte das bellezas literarias. A regularidade grammatical absoluta constitue até uma intoleravel monotonia.

E' talvez por isso que, em geral, os grammaticos, escrevendo certo, escrevem, no emtanto, sem estylo, sem energia e sem graça. E é ainda por esse mesmo motivo que as linguas inventadas, como o Esperanto, não podem ter literatura no sentido artistico da palavra.

Mas convém aqui notar que, quando falamos em irregularidades e illogismos, propositalmente nos collocamos no estreito ponto de vista dos grammaticos formalistas, seguidores de velhas doutrinas. Para nós, as inversões, as anomalias, as figuras ou tropos, são, muito ao contrario, manifestações regulares, naturaes e logicas do pensamento humano, quando na ancia de se fazer facilmente entender, quando no desejo de se exprimir com rapidez e vigor. Aquellas suppostas irregularidades e illogismos occorrem constantemente na linguagem falada e constituem processos naturaes e meios proprios para reforçar a expressão; formam a melhor parte daquillo a que se convencionou chamar a linguagem affectiva. O que não é natural, o que é artificial e forçado são as phrases medidas e equilibradas, como geralmente se usam na linguagem literaria e escripta, phrases feitas a compasso e balança, com seu pesado cortejo de orações principaes e subordinadas, de preposições, conjuncções e adjunctos.

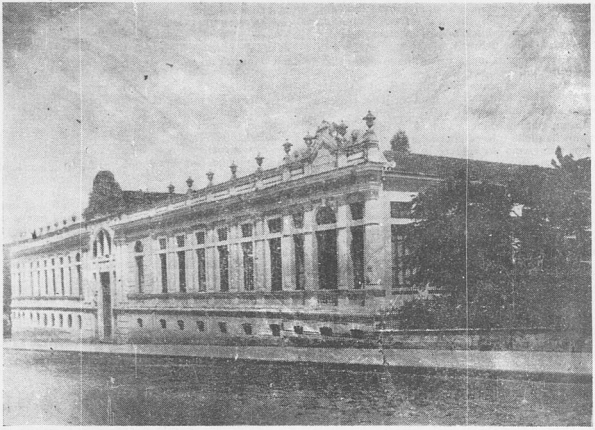
A este proposito diz o notavel linguista J. Vendryes:

«Os elementos que a lingua escripta se esforça por encerrar em um conjuncto coherente, apparecem na linguagem affectiva, separados, desunidos, desarticulados: a ordem em que se collocam é inteiramente diversa.

Não é mais a ordem logica da grammatica corrente; é uma ordem que tem tambem a sua logica, mas uma logica principalmente affectiva, na qual as idéas se ordenam, não segundo as regras objectivas de um raciocinio seguido, mas sim segundo a importancia subjectiva que o individuo que fala lhes dá ou que elle quer suggerir ao seu interlocutor».

Longe pois de ser um erro, o modo considerado irregular e illogico pelo qual Evaristo da Veiga escreveu constitue até uma belleza literaria.

«Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil
Houve mão mais poderosa:
Zombou delles o Brazil.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"

E' claro e está certo. Esta maneira de construir a phrase se chama — *Anacolutho* — palavra que significa — *sem companheiro*, porque consiste justamente nisto: o escriptor começa uma construcção e, a meio caminho, sem terminal-a, sem dar-lhe *o companheiro* que o espirito espera e a grammatica regular exige, abandona tal construcção e continúa com outra bem diversa da primeira.

Quem começa a ler aquelles versos naturalmente julga que *os grilhões* serão o sujeito da oração inicial, mas em breve se desillude, porque não lhes acha verbo. Esperava que os *grilhões* fossem *cu fizessem* alguma cousa, porém disso nada acontece, porque o escriptor interrompe bruscamente a construcção começada e termina a phrase de outro modo. No emtanto o sentido não fica prejudicado e o trecho é clarissimo. Tão claro que o leitor, não sendo grammatico, nem mesmo dá pela extranheza, desse modo de dizer e o recebe como a cousa mais natural deste mundo. O proprio critico não refugaria, se não tivesse o espirito conturbado pelos seus excessivos conhecimentos grammaticaes.

E descobrimos assim uma certa vantagem em não saber grammatica ou, pelo menos, em não ser um grammatico de profissão, pois o leitor que somente busque entender, sem se dar ao luxo de analysar, não se envolve nas embaraçosas teias de aranha da grammatiquice e não corre o risco de fazer uma critica como este que analysamos, injusta e menos certa.

Eis aqui as diversas definições de *anacolutho* que se acham nas grammaticas:

«E' a figura de syntaxe em que um termo se acha como que solto na phrase sem se ligar syntaticamente a outro».

Outra:

«C'est une tournure de phrase par laquelle ou abandonne une construction commencée pour en prendre une autre».

Outra ainda:

«... Is the lack of grammatical symmetry in a sentence, either through the consequent taking an unexpected form or being altogether suppressed, the writer desiring to present his thoughts in another aspect».

«O anacolutho é um dos muitos e variados meios a que a affectividade recorre para se manifestar na estructura da phrase». Alguns escriptores, no emtanto, o consideram como uma especie de ellipse. De facto, pondo-se claras todas as palavras que estão

subentendidas nos versos que analysamos, teriamos: *E quanto a* os grilhões que nos forjava da perfidia astuto ardil, *eu cireí que* houve mão mais poderosa, *pois* zombou delles o Brasil.

E' visivel que naquella quadrilha o autor disse tudo isso de um modo mais claro, mais rapido e mais bello, pois as palavras gryphadas, que regularizam a syntaxe, são, para o sentido, perfeitamente inuteis e até prejudiciaes.

Agora, para terminar, vamos mostrar alguns exemplos daquella interessante figura:

Em um poema do celebre Rostand, Christo diz á samaritana:

Tu dis fort bien, car celui qui partage ta conche, *tu n'es* pas sa femme, davantage que tu ne l'as été des cinq autres.»

Ou traduzindo:

Dizes muito bem, pois aquelle que partilha teu leito, *tu não* és sua esposa, como tambem não foste dos outros cinco.»

As palavras gryphadas indicam o começo das duas construcções grammaticaes differentes, ou o ponto em que o escriptor abandona bruscamente o plano da phrase começada e, sem concluil-a, continúa em outro plano.

Outros exemplos:

«*Vós* que declarastes a guerra, *o sangue* derramado cahirá sobre vossas cabeças.»

—«*Obeso*, pallido, inchado e ainda captivo, *havia* comtudo certa dignidade em sua pessoa.»

«*Mas tu*, arvore isolada e annosa, *não sei* porque nunca te vi florir.»

«*Os tres reis* orientaes que vieram adorar o filho de Deus, *é tradição* da igreja que um era preto.»

«*Esse Deus*, nosso unico refugio, *que será* de seus mandamentos»

«*Quasi sem* nariz, vesgo e da altura de um rapaz de nove annos, *não mostrava* no rosto ponta de barba.»

«*Tu*, si os deuses te amam, *é occasião* de cuidares de teus interesses.»

«*Annibal* quando esteve na Italia *ninguem* lhe resistiu em batalha campal.»

«Horeb tinha um filho, *e esse filho*,—GOTTAS de seu sangue foram encontradas na areia do deserto.»

Nas linguas portugueza, latina e franceza, dotadas de uma syntaxe bastante precisa e rigida, o anacolutho não é commum na linguagem escripta; é necessario uma longa leitura para se acharem alguns exemplos. Mas na linguagem falada esse modo de dizer occorre a cada instante e, si o nosso critico não o viu, foi porque nas classes não se usa analysar senão o que se lê.

Si algum mestre dissesse:

«*Um* menino docil, dá-se-lhe tudo o que elle quer.» e o nosso grammatico o ouvisse... pobre mestre! No emtanto estaria certo.

Autores que temos á vista affirmam que na lingua ingleza o anacolutho é communissimo, mesmo na linguagem escripta, facto que infelizmente ainda não tivemos o tempo necessario para verificar.

Damos aqui um exemplo de uma outra forma ainda mais ousada dessa figura curiosa. Encontra-se na traducção ingleza do Evangelho de S. Lucas, cap. V vers. 14:

«And Jesus charged him to tell no man: *but show* thyself to the priest.»

Traduzindo ao pé da letra:

«E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguem:

mas vae e mostra-te ao sacerdote...»

A forma regular seria: «E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguem; mas *que fosse* e se *mostrasse* ao sacerdote.»

Mesmo em portuguez não se poderia taxar de errada aquella primeira forma, exactamente calcada sobre o inglez; mas em geral os traductores da Biblia têm achado incorrecto ou aspero um tal modo de dizer e, cada qual a seu modo, procurou destruir o anacolutho, figura que provavelmente já estava no original grego, como bem se póde perceber através da traducção latina, feita por S. Jeronymo, que diz assim:

«Ipse vero mandavit eiut nulli hoc diceret; sed profectus, *inquit*, ostende te ipsum sacerdoti.»

A palavra gryphada foi acrescentada pelo traductor para regularizar a syntaxe.

Ferreira de Almeida, na traducção portugueza, tambem procedeu de um modo analogo, dividindo a phrase em duas e intercalando as palavras extranhas ao original que vão gryphadas.

«E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguem.

Porém vae, *disse elle*, e mostra-te ao sacerdote.»

A phrase lucrou em regularidade; mas pouco adiantou quanto á clareza.

Donde se vê que a excessiva preoccupação grammatical só serve para tirar a liberdade ás linguas e pode fazer pedantes, mas não forma escriptores. Porque ser entendido e impressionar são os fins supremos de quem fala ou escreve; pouco importa que sua linguagem se sujeite ou não ao compasso e á regoa dos analystas.

Parece-nos, pois, que o nosso consulente deve estar satisfeito, porque, sem o menor medo de errar em portuguez, pode continuar a contar os seus patrioticos versinhos, como ingenuamente o fazia na saudosa escola de sua aldeia.

J. MASSENA

Da Academia Mineira de Letras.

EDIFICIO ESCOLAR

Um dos obstaculos materiaes á diffusão official do ensino primario é o predio escolar classico, ainda hoje exigido para as aulas custeadas pelos governos do paiz, mao grado os ensinamentos da biologia.

Quando os regulamentos do ensino exaltam jardins e areas arborizadas, cogitam mais do espaço para o recreio que o exercicio intellectual reclama para os petizes tantas horas emparedados em salas de escasso arejamento não obstante suas dimensões e vãos.

A vida escolar, vivendo-a as crianças mais nas salas de aulas que nos pateos de recreio por força dos programmas ou, melhor, das necessidades intellectuaes e moraes das mesmas, as quaes necessidades deve a escola satisfazer em curto tempo — urge inteirar essa deficiente recreação compulsoria, *extra-muros*, de que usurariamente gosam, com o maximo de recreação natural, continua, instinctiva, restauradora, *intra-muros*, permittida generosamente pelas aulas ao ar livre. Essa recreação biologica de cada instante tem importancia inestimavel por não sacrificar a vida ao brilho da intelligencia. Somente o meio puro consoante o ar e a luz, factores vitaes de primeira necessidade, pode abonar maior permanencia nas salas de aulas sem prejuizo da integridade desejavel do ser humano que vem evolvendo no escolar.

Todos sabem que nossas escolas publicas e particulares têm, geralmente, vastas salas de aulas providas de numero apparentemente efficaz de vãos para accesso de ar e luz. Ninguem o contesta, mas o mestre observador e sincero é forçado a confessar que, ao cabo de uma hora de aula, já sente no ambiente algo a denunciar corrupção no ar.

Uma vez que o objectivo da escola é receber vidas em evolução no intuito de lhes amparar racionalmente esta, e de as prendar com as louçainhas das virtudes moraes e intellectuaes, mister é que se aperceba das condições hygienico-pedagogicas conducentes ao nobre fim collimado. Sob esse ponto de vista é a escola funcção de dois factores capitaes: meio physico propicio á vida e meio intellectual conforme os ditames da pedagogia moderna bem assimilada.

Ninguem abre discussão attinente á primazia do primeiro na escola, logo nossas aulas deviam ser dadas em toscos pavilhões de madeira ou em barracas de lona, em grandes areas arborizadas ou arborizaveis, acariciadas pelas brisas que destroem os miasmas e os microbios, ao passo que nutrem o homem, e banhadas pelas ondas de luz que estimulam maravilhosamente a vida.

Assim cessará ou reduzir-se-á ao minimo a fadiga intellectual na escola e o risco biologico que correm esses organismos delicados, ainda hoje enclausurados nos classicos salões mal cheirosos de nossas escolas bonitas.

Vencerão essa etapa humanitaria os governos do paiz si collocarem a escola publica nos confins da zona urbana, onde não rareiam excellentes terrenos de preços modicos. Ahi as aulas serão dadas em modestos pavilhões de madeira ou barracas de lona, no interesse proximo da saúde e da intelligencia das crianças, e no remoto do vigor da raça. Demais lucrarão com tal medida as classes pobres que a angustia da vida recúa para ahi; lucrarão moralmente os governos do paz pelo acerto do passo biologico, e economicamente pela consideravel diminuição das despesas que lhes darão margem á multiplicação das escolas publicas.

Quanto custa a nossos governos cada palacio escolar?

Seu elevado custo não lhes tolhe a disseminação do ensino primario?

E' a hygiene escolar que reclama tamanho absurdo?

Deve o predio escolar continuar a onerar o problema da alphabetização do Brasil?

OSWALDO VELLOSO

ALUMNOS INDIGENTES

Sahira muito cedinho aquella pequenita para o grupo escolar, onde as aulas começam ás sete horas.

Vindo de casa, na Barroca, distante dois kilometros, descalça, patinhando a lama, surprehendeu-a, em caminho, uma chuva meúda e teimosa. Nem pensou em voltar, por ser das mais assiduas, e aquelle era o dia de concurso de arithmetica.

Seriam quasi onze horas, quando a sua professora a viu empallidecer, e resvalar pesadamente, desmaiada, da carteira para o chão. Logo carregada para o gabinete da directora, e deitada no sofá, dir-se-ia uma defuntinha, esperando o seu caixão...

Reanimada pela aspiração do ether, com o olhar meio turbado ainda, a menina explicou a causa do seu desmaio, com este santo commovente impudor, que, na inconsciencia da idade, teem as crianças pela sua nudez e pela sua miseria.

Na pequena «cafúa» onde residem a mãe, viuva, e tres irmãosinhos, ainda menores do que ella, ha muito não se sabe o que sejam o assucar, o café, a banha, o arroz. Contou, sem vexame, que na vespera tinha ido ao Mercado, com uma pequena moeda de quinhentos réis, para comprar tres tostões de banha e dois de batatas. Vendeu-lhe algumas o negociante, e explicou á menina que não podia fazer somente trezentos réis de banha, pois mal dariam para encher uma colher de sopa, tal o seu preço.

E a pequena indigente, tão habituada á dura miseria, disse ao homem:—Não faz mal, não senhor. A mamãe está preparando agora a nossa comida mesmo sem isso, e a gente mata a fome assim mesmo.—Antes de ir para o grupo, ao amanhecer nesse dia, tinha bebido sómente uns goles d'agua quente, sem assucar.

Porque não dizel-o? Causou-me a noticia deste caso uma tamanha pena, tanta piedade, que ficaria de mal com a minha consciencia, si lhe não desse publicidade, si me não afoitasse a externar o meu modo de pensar sobre os meios de darmos o bom combate a tanta miseria e penuria.

O Estado dá o pão do espirito, que é a instrucção. Dê o povo, dê a caridade, neste periodo tão angustioso, o pão do corpo, a assistencia que mata a fome, e as roupinhas, que abriguem as creanças da chuva inclemente, e do frio cortante, a que vae seguir a este inverno.

Na quasi totalidade das povoações maiores da nossa terra, ao visitante é mostrado o que ha de mais interessante e digno de mostrar;—o seu grupo

escolar, onde elle observa tamanha dedicação das professoras e tanta miseria na maior parte dos alumnos, mal vestidos, descalços, mal alimentados, vivendo no meio da mais completa indifferença de quasi todos, e, ainda assim, revelando a inconsciente alegria da infancia, quando vão tão mal trajadinhos, a essas encantadoras festas, da Arvore, da Bandeira e outras.

No tocante ao interesse, ao carinho de outros paizes pela saude das creanças, o contraste é uma severa lição, em que devemos reflectir, um exemplo que devemos procurar imitar, embora de longe.

Na Hollanda, por exemplo, dá-se no começo das ferias escolares o que poder-se-ia denominar a troca de meninos, mais franzinos, mais debeis. O alumno que mora na cidade, a beira mar, é levado para uma casa de bons camponezes, e o filho destes vem passar as ferias na casa do outro. Claro é que as mães se esmeram em tratar optimamente o seu pequeno hospede, sabendo que o mesmo se dá com o seu filho, na casa onde está.

O Estado concede passagens nos caminhos de ferro a esses meninos e meninas, que seguem em carros reservados, paternalmente vigiados pelo chefe de trem, que vae examinando nos bilhetes, presos na fita do gorro ou do chapeozinho, qual a estação onde tem de desembarcar cada um, já esperado pela familia hospedeira, com risonha curiosidade e solicitude.

Aquella deliciosa villegiatura, o repouso de dois mezes de ferias, produz, naturalmente, o mais salutar, o mais agradavel resultado. O menino que volta da cidade á casa paterna, no campo, tomou os tonificantes banhos de mar, civilizou-se, aprendeu e viu muita coisa, poliu-se um tanto ou quanto naquelle ambiente, no rumoroso centro de trabalho e de civilização.

O que volta para a cidade, depois de passar esse tempo n'uma casa rustica, tranquilla, á beira do canal, onde a agua faz girar as grandes pás dos moinhos, encravada em meio da planicie coberta na primavera da alta herva para o gado, esse tambem ganhou forças, tonificou o franzino organismo, repousou o espirito para proseguir no estudo, — embora lhe possa perturbar o encanto dessas recordações a lembrança da queda, que lhe causaram os corcovos do bezerro, ou da marrada cruel d'um carneiro, mesmo manso, e que lhe contundiu as cos-

Corpo docente do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"

tellas, em meio da surriada dos novos amiguinhos camponios.

E por sua vez o velho camponio ha de sentir saudades daquelle menino, debil e anemico, quando, á noite, com os pés enterrados nos tamancos fortes de madeira, o cachimbo esquecido na bocca, se recordar do pequeno hospede, que, pela manhã, o ajudava a ordenhar as vaccas, tão mansas, malhadas de um preto luzidio.

Seja-me desculpada uma certa dose de vaidade em contar ao leitor benevolente que não é de hoje que procuro auxiliar essa profunda, essa lastimavel e deprimente miseria que se observa nas crianças que estudam na escola mineira.

Ha quarenta e dois annos, sendo eu deputado provincial, (o mais moço e o mais atrasado), apresentei um projecto, a 8 de agosto de 1882, creando o fundo escolar, destinado a combater a indigencia nas escolas, por meio do producto de alguns impostos, que me pareciam faceis de cobrança sem vexame. Entre esses figurava o de transmissão *causa mortis*, na razão de mil réis por conto.

Passou o projecto; mas, posteriormente, o poder legislativo incorporou á renda geral da provincia o imposto sobre heranças; fez com a indigencia dos nossos patriciosinhos o negocio, a que o povo chama do ladino com o bobo. E esse imposto foi augmentando por tal forma, que no anno de 1923 rendeu a importancia de 2.711:116$812. Este anno deve ser, provavelmente, de quatro mil contos de réis

Consola e anima ver o interesse que, nestes ultimos tempos, tem dispensado o nosso governo á causa do ensino.

Frequentemente, em tantas povoações, é o grupo escolar o melhor edificio da localidade, onde centenas e centenas de meninos se educam, de modo que conforta e alenta o nosso espirito; mas o governo não pode, sem o auxilio do povo, dar prompto remedio a tamanha miseria, porque nem com o decuplo do que pode despender em cada anno poderia cuidar da assistencia medica, da assistencia dentaria, e providenciar sobre tantas medidas uteis e necessarias

Ao menino pobre deu o Estado a escola, a professora solicita, o livro. Procura imprimir nessa missão o maior interesse, o mais carinhoso desvelo, separando grande parte das rendas publicas para abrir uma aula, em toda parte onde haja sufficiente numero de creancinhas. Cumpre que os particulares tomem parte activa nesta santa missão, de combater energicamente, christãmente, a formidavel a densa camada de analphabetismo que nos humilha e consterna.

Tudo presta a quem de tudo precisa. Um par de velhos sapatinhos não serviria para o pequeno luxar no Bosque de Bolonha, ou na Avenida Central, porém, serve para agasalho da humidade e muita doença. Uns metros de fazenda bastam para o uniforme, para os dias festivos no grupo; umas roupinhas usadas, limpinhas, agasalham o menino que vae á aula quasi tão rasgado, maltrapilho, como um mendigo de porta de igreja, ou de beira de estrada, que ainda é mais esfarrapado.

Os paes de familia bem poderiam auxiliar o desenvolvimento da escola primaria, inscrevendo-se como socios contribuintes das utilissimas caixas escolares. Os mais abastados, os mais generosos bem podiam não limitar a mesquinha mensalidade a sua contribuição, e, quando reflectirem sobre o destino do seu auxilio, ceder um pouco do que lhes sobeja em favor dos meninos indigentes. Quando lhes aconteça realizar um negocio muito rendoso, embora ricos, cedam uma pequena contribuição, com a boa vontade da viuva do Evangelho, que foi levar de boa feição o seu obulo.

Quanto ás mães de familia mais abastadas, bastar-lhes-ia ceder á nudez das creanças toda a roupinha bastante usada, dos proprios filhos, como fazem já algumas distinctas senhoras, desta Capital. Estou adivinhando que o maior embaraço está no vexame natural em mandar ao grupo escolar o embrulho de roupa velha; porém, ha muitos meios de fazerem essa esmola sem que todos venham a sabel-o. A porteira, a servente do grupo, a professora podem ser as intermediarias dessa esmola, tanto mais valiosa, quanto mais escondida. Si em cada grupo escolar deste Estado houver dez alumnos assim favorecidos, podemos dizer que a ideia está em marcha, que uma nova mola foi posta no apparelho, que a assistencia particular começa a prestar seus bons serviços. Tudo está em começar, porque algumas innovações, ainda parecendo muito faceis na pratica, são de crescimento muito demorado, como as madeiras de lei.

Muita gente limita a sua actividade, em materia de bem fazer, a condoer-se, a lastimar, como si isso désse roupa a quem está quasi nú, alimento a quem está quasi morrendo á fome. E' o egoismo querendo fingir de caridade.

Isso faz lembrar um caso historico, que tem muita applicação.

Uma tarde, quando a rainha de Hespanha passeiava de carro nas cercanias de Madrid, foi surprehendida por forte vendaval, e teve que procurar abrigo num convento de freiras. Mostrou-se profundamente condoida da indigencia que alli havia em tudo e que as freiras acceitavam resignadas como penitencia.

Nem uma acha de lenha para as aquecer do frio intenso, nem um pedaço de pão menos duro com que enganar fome velha.

Carinhosamente, a soberana disse á irmã superiora que fosse a palacio, no dia seguinte, para receber os auxilios que pretendia dar ao convento.

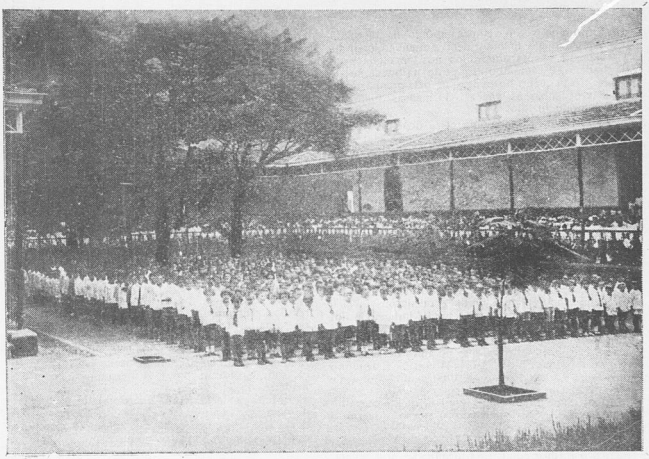
A veneravel monja, sob um frio cortante, debaixo das rajadas de neve, compareceu no palacio, onde a recebeu sua magestade a rainha, sentada junto a um esplendido fogão, em que ardiam grandes tóras de madeira e agasalhada por pelissa soberba, que lhe cobria quasi todo o corpo.

E quando a pobre freira, humildemente, lhe falou na sua promessa, replicou a rainha, com a maior naturalidade: — Mas, não ha pressa nisso; não é verdade? Agora a temperatura está tão agradavel!...

E' de se esperar que não seja muito seguido exemplo tão baixo, embora cahindo de tão alto...

GUSTAVO PENNA.

Bello Horizonte, fevereiro 13.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"

Arvore do Bem

.. .. E a arvore amiga
Dos homens ao destino o seu destino liga:
E, erguendo ao ar a cuspide bemdicta,
Fornece, carinhosa e maternal,
A' creança innocente o berço em que dormita,
Ao homem já crescido o tecto em que se abriga
E, no passo final,
Aos despojos do morto,
Ella fornece o bergantim funereo,
Onde elle embarca, demandando o porto
Do supremo mysterio!

E, dess'arte, uma arvore, na existencia
Do homem, figura como a Providencia.

Mas, vós, que sois espiritos argutos,
Illuminados pela sã razão,
Bem sabeis que uma arvore mais formosa
E que produz bem mais formosos fructos,
Nasce da preciosa,
Da bemdicta semente, da Instrucção.

Santa Arvore do Bem, que em si encerra,
Por sobre os galhos seus mil rutilos trophéos
E que, tendo a raiz mergulhada na terra,
Vai, formosa, espalmar a folhagem nos Céos!

Seja mão dedicada a mão que houver
De lhe dar todo amor, que ella requer
E essa arvore sublime
Que, como o bom Jesus, almas redime,
Dos pomos mais formosos guirlandada,
Ha de, garbosa, para o céo profundo,
Erguer a sua fronde immaculada,
Cheia de sóes, illuminando o mundo.

Bento Ernesto Junior.

GONZAGA

Seu papel na Inconfidencia

(LUCIO JOSE' DOS SANTOS)

I

A figura talvez mais discutida na Inconfidencia Mineira é a do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o mavioso Dirceu.

A 22 de maio de 1789, pela manhã, uma escolta sob o commando do Tenente Coronel Francisco Antonio Rebello prendia o desembargador Gonzaga em sua residencia.

Algemado, montado em um cavallo que um soldado puxava á dextra, foi Gonzaga conduzido ao Rio.

Dias antes procurára o poeta apressar o seu casamento e retirar-se para a Bahia. Como demorasse a licença esperada do Reino, resolveu requerer dispensa ao Governador.

Além disso, foi a Marianna com o fim de tratar dos necessarios papeis.

Chegada a noticia da prisão de Tiradentes no Rio e dado o alarma em Villa Rica, foi o desembargador visitado por muitos amigos, os quaes, sabendo estar o mesmo incluido na denuncia, bastante afflictos se mostravam.

A todos procurava Gonzaga tranquillisar, e, ainda na noite de 21, affirmava estar tão despreoccupado que la compor uma ode,

Na manhã seguinte, muito cedo ainda, estava sua casa cercada de soldados.

A essa mesma hora, outra escolta, commandada pelo Tenente Coronel Antonio Xavier de Rezende, prendia o Coronel Domingos de Abreu Vieira, em sua casa na rua de S. José. O pobre velho, enfermo, quasi paralytico, foi transportado á formidavel cadêa de Villa Rica e posto incommunicavel.

Chegando ao Rio, foi Gonzaga mettido num dos carceres da fortaleza da Ilha das Cobras, onde o interrogaram pela primeira vez a 17 de novembro de 1789.

Continuou o interrogatorio a 3 de fevereiro de 1790, sendo o reu acareado com o Conego Luiz Vieira, o Pe Carlos Corrêa de Toledo e Mello e o Tenente Coronel Ignacio José de Alvarenga.

A's 8 horas da manhã do dia 18 da abril de 1792, reuniu-se a Alçada em Relação extraordinaria, sob a presidencia do Vice-Rei e com a presença de todos os seus membros, para lavrar a sentença, consumindo nessa tarefa 18 horas! A's 2 horas da madrugada do dia 19, Quinta-feira, foi assignada a formidavel sentença. A essa hora, o escrivão da Alçada, desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, compareceu á sala do Oratorio, onde estavam reunidos os reus, com excepção dos ecclesiasticos, para ler a sentença. Apezar de rapida e não interrompida, gastou a leitura duas horas.

Por essa sentença, era Gonzaga condemnado a exilio perpetuo em Pedras de Ancoche na Africa. Embargando com outros a sentença, obteve por *accordam* de 2 de Maio de 1792, a reducção do exilio a dez annos, em Mocambique. Houve segundos embargos, que foram desprezados a 9 do mesmo mez.

A 22 de Maio, na fragata «Nossa Senhora da Conceição Princeza de Portugal», seguiu Gonzaga para Mocambique. Ahi tentou a advocacia; adoeceu gravemente. Restabelecido, desposou D. Juliana de Souza Mascarenhas, á qual ficára muito reconhecido por o haver tratado, na sua molestia, com grande carinho.

Nos seus ultimos annos, soffreu alguma alienação mental, vindo a fallecer em 1807.

O conjurado sobrevivente até 1841, conselheiro José de Rezende Costa, diz a respeito de Gonzaga, um pouco obscuramente: Casou se com D. Juliana, senhora bastante rica; nos ultimos annos de vida soffreu alguma alienação de espirito, talvez pelos desmandos e prodigalidades da mulher que o reduziu á maior pobreza».

(Continúa)

Revista do Ensino

Cousas de instrucção

I

INFREQUENCIA NAS ESCOLAS

A meritoria campanha da desanalphabetização do paiz, tarefa grandiosa de cunho caritativo e patriotico, ha, sempre, defrontado, contrapondo-se valentemente a sua acção, um obice grandissimo na criminosa indifferença, no revoltante descaso dos paes pela cultura dos filhos.

Si é certo que o pauperismo — tão e tão expansivamente, assoberbando, como floração damninha, a massa popular, — é empecilho poderoso á frequencia das creanças á escola, de incontrastavel certeza tambem é que muito pequenino ser, na phase de abrir os olhos á luz vivificante da instrucção, deixa de o fazer, menos pelo seu retrahimento natural do que pela influencia nociva dos paes e educadores, aos quaes não impressionam, nem levemente mesmo, a indolencia e o amor á vagabundagem por parte de seus filhos e pupillos, sendo muitos delles mesmo os causadores da infrequencia das creanças nas escolas com as afastarem do ensino para os serviços domesticos ou para a faina da cultura dos campos.

A inspecção official tem isso mesmo constatado, registrando, frequentemente, o facto nas informações prestadas á Directoria da Instrucção.

E' notavel o numero de creanças, que, matriculadas á solicitação dos paes, abertas as aulas, a estas jamais comparecem. Ha, tambem prejudicando o progresso do ensino ministrado, a alteração da frequencia, de resultados tão nocivos como a propria infrequencia.

Felizmente, o actual codigo de ensino estadual, bem a peito tomando a solução do problema da infrequencia, estatuiu disposições rigorosas, objectivando a eliminação do mal, dando, assim, grande expansão á instrucção popular entre nós, ampliando, dess'arte, grandemente, a clareira, que os governos, desejosos de bem governar, procuram com carinho abrir na selva cerrada do analphabetismo nacional.

Depende o successo do tentamen da positivação da obrigatoriedade do ensino, fazendo-a sahir das laudas do Regulamento para a vida da acção.

A administração desenvolve o melhor do seu esforço nesse sentido, estando tomadas as providencias precisas para que a benemerita e dignificante empreitada se corôe do mais brilhante dos exitos.

De justiça, força era que á obrigação, que se impõe á massa popular, seguisse pararella a assistencia que mister se faz. Não se descurou desse ponto a vista solicita da administração, solicitando, para esse fim, o concurso das municipalidades, alargando a verba dos fornecimentos e promovendo, por todos os modos, a prosperidade das caixas escolares.

Faz-se preciso, porém, que aos benemeritos gestos do poder publico se venha unir a acção patriotica dos particulares, numa propaganda intelligente e tenaz entre as camadas populares, no reces-

so dos lares, junto dos paes e educadores em prol da frequencia das nossas escolas.

Assim, é bem de esperar que a obra grandiosa da desanalphabetização da terra mineira floresça exubere e se desentranhe nos mais formosos fructos.

Minas, 1925.

Bento Ernesto Junior.

CULTIVO

DE UMA

ESPECIALIDADE

O apparelho mais aperfeiçoado do ensino primario é o grupo escolar. A sua organização póde abranger todas as modalidades do referido ensino, e porque este constitue a principal instrucção ministrada ao povo, é de inteira conveniencia, para o progresso nacional, que aquelle apparelho educativo offereça aos alumnos bastantes opportunidades para despertar-lhes as vocações.

As exigencias da vida moderna, provindas em parte do grande desenvolvimento industrial, estão impondo-nos o cultivo de especialidades dentro da generalidade de instrucção popular. Ao ensinar a ler, escrever e contar já se incorporaram outras materias, entre as quaes se incluem os trabalhos manuaes. Estamos a caminho do ensino technico, e a palavra "trabalho", si bem seja das mais antigas, ahi reponta, sempre nova como o sol, a illuminar-nos a estrada do futuro com a sua luz inextinguivel.

O grupo escolar tem que adaptar-se ás exigencias da actualidade afim de poder orientai-as. Elle, que é a escola moderna, tem de ser efficiente, e para esse fim ha de infundir em seu trabalho as qualidades essenciaes ao trabalho da vida, isto é, o methodo e a energia.

Cada professor que prega devéras a sua profissão, sem grande difficuldades conseguirá dar ao ensino energia e methodo. Agindo por essa fórma, elle será fartamente compensado com a satisfacção do dever cumprido e com o apreço da sociedade.

Não basta, porém, contentar-se com a generalidade da profissão. O magisterio primario é constructor da base do edificio social. Sobre essa base ha de o povo levantar o edificio da grandeza da Patria. Esse edificio requer em sua estructura trabalhos especiaes. Dahi, despertar desde a escola primaria as vocações para esta ou aquella especialidade.

Um exemplo entre muitos outros. Ha annos, lembrei-me de ensinar escripturação mercantil a alguns alumnos do grupo escolar, e eis que, no fim de certo tempo, convenci-me de não estarem elles aprendendo nada, devido a seu pouco desenvolvimento. Puro engano de minha parte. Descobrir em alguns da classe a sua vocação, e elles tornaram-se mais tarde, pelo proprio esforço, habeis guarda-livros.

Posso hoje, baseado em minhas observações, aconselhar aos professores e ás professoras o cultivo de uma especialidade dentro de sua nobilissima carreira. Uma especialidade é apresentação de primeira ordem, é garantia para collocar-se no magisterio, é incentivo para aperfeiçoar todo o ensino.

Os professores de grupo escolar, desde que se especializem em alguns dos trabalhos da escola, transformarão esta em instituto de educação. Uns professores irão mostrando sua especialidade aos outros, e todos elles acabarão por ficar conhecedores de sua profissão. Os casos didacticos serão todos acertadamente resolvidos com tão poderosa cooperação do corpo docente.

Sem deter-me em longas considerações, eu me animo a propor as seguintes especialidades, todas ellas vantajosas ao trabalho educativo:

I. Calligraphia, desenho e cartographia.
II. Trabalhos manuaes, conforme o programma.
III. Costura e bordado.
IV. Jogos e exercicios physicos.
V. Festas e hymnos escolares.
VI. Hygiene e assistencia escolar.
VII. Jardinagem e horticultura.
VIII. Museu e bibliotheca.
IX. Arte culinaria e confecção de doces.
X. Trabalhos de modelagem.
XI. Escripturação mercantil e dactylographia.
XII. Estudo de lingua patria.

Com um pouco de esforço e boa vontade, as professoras, (ellas estão em maioria e é bem que se use o genero feminino), as professoras poderão cultivar as especialidades indicadas.

Os paes que não conseguem ver nos conhecimentos geraes as conveniencias particulares dos filhos, verão nas especialidades taes conveniencias, visto que cada uma dellas constitue por si mesma um meio de vida. A frequencia escolar tornar-se-á naturalmente espontanea, e a união entre a escola e a familia far-se-á mais intima.

A especialidade mais facilmente levará a professora ao estudo, e ella, querendo sobresahir como especialista, cobrará novo estimulo para melhorar todo seu trabalho.

Conforme se vê, o cultivo de uma especialidade por parte da professora é mais uma condição para o aperfeiçoamento do trabalho educativo.

FIRMINO COSTA

OS METHODOS NOVOS NO ENSINO PRIMARIO

A EXPERIENCIA DOS TESTS — AULAS E CONFERENCIAS

«Querendo estar em dia com os progressos da pedagogia, para maior proveito da instrucção disseminada no Estado»,— consoante assignalou, em recente entrevista á imprensa, o sr. presidente Mello Vianna —o governo resolveu chamar a esta capital o sr. dr. C. A. Baker, professor no Rio, homem

culto e conhecedor da materia, afim de realizar para o nosso professorado algumas conferencias e aulas sobre os methodos *tests*, que os americanos do norte acabam de adoptar nas suas casas de ensino.

Tratava-se de uma novidade, a que o illustre homem de letras dr. Medeiros e Albuquerque dedicára um volume de 176 paginas, e novidade victoriosa num paiz de civilisação requintada.

Um Estado que préza de cuidar, com real carinho, das cousas de ensino, despendendo com elle uma boa parte das suas rendas, precisava sem duvida de conhecer a nota nova, ao menos para conhecel-a e debatel-a.

Com esse intuito, e obedecendo as idéas do sr. presidente do Estado, o sr. dr. Sandoval Azevedo, secretario do Interior, fez o convite ao professor Baker, que a esta capital chegou em principios de Fevereiro e nesse mez realizou o trabalho, que lhe determinara a viagem: Fez diversas conferencias e deu diversas aulas praticas, no edificio da Escola Normal Modelo.

As primeiras tiveram a presença, não só das altas auctoridades administrativas do ensino, mas das directoras e professoras dos grupos escolares e escolas infantis. O conferencista desenvolveu, para esse auditorio, uma exposição sobre a materia, commentando os auctores, explicando os *tests*, dando-lhes a evolução, exhibindo as criticas e os applausos que o assumpto provocou.

As aulas praticas, justamente para terem um effeito pratico, realizou-as o professor Baker para um auditorio menor, que se compunha apenas das autoridades administrativas, das directoras dos grupos e de uma professora de cada um desses estabelecimentos na capital.

Nessas aulas realizaram-se experiencias varias, fizeram-se arguições diversas e todos se empenharam vivamente, no sentido de verificar-se a utilidade verdadeira, a vantagem real dos novos methodos.

Foi um alvoroço no seio do professorado de Bello Horizonte, alvoroço de quem ventila, estuda e indaga o assumpto e que, por isso mesmo, não deve passar calado nas columnas desta Revista. Esse interesse transpoz, em pouco, os limites da nossa capital. Muitos jornaes do interior reproduziram e commentaram noticias sobre o movimento que se fazia, tendo mesmo se referido elogiosamente á iniciativa em boa hora tomada pelos dirigentes do ensino.

As experiencias do professor Baker versaram sobre os *tests* de leitura oral, sobre os *tests* de leitura mental e depois sobre os *tests* de intelligencia.

Não nos é possivel, nesta noticia, que é apenas um registro, dar descripção clara e completa sobre o que foram as aulas praticas do professor Baker.

Ao que elle explicou e levou a experiencias, os leitores farão um juizo pelas notas que a seguir publicamos:

1.°) Aulas de *tests* de leitura oral: E' uma prova individual. O alumno lê em voz alta uma serie de trechos, na ordem crescente de difficuldade.

Em seguida, responde por escripto as tres perguntas formuladas sobre cada trecho, sem ter este em vista. Notam-se: o tempo de leitura e respostas, os erros commettidos na leitura e nas respostas.

Obtem-se, assim, o numero de palavras lidas por minuto, uma nota quanto aos erros na leitura e outra quanto aos erros nas respostas.

Faz-se, então, a classificação do alumno e, depois, a da turma.

2.°) Aula de *tests* de leitura mental: E' uma prova collectiva.

Os alumnos da turma recebem um papel contendo uma serie de trechos de difficuldade crescente, seguido cada trecho de tres perguntas. O alumno vae lendo mentalmente os trechos e escrevendo as respostas. No fim de 30 minutos, cessa a prova. Dão-se as notas aos alumnos, determinando-se, para cada um, o que se chama edade de leitura (em mezes). Dividido esse numero pela edade do alumno (em mezes), obtem-se o *quociente de leitura*, que servirá á classificação do alumno.

3.°) Aulas dos *tests* de intelligencia.

Trata-se de uma prova individual.

A creança é submettida a uma série de perguntas extremamente variadas, sobre assumptos que lhe são familiares, calculos mentaes, reproducção de desenhos simples, que lhe são rapidamente mostrados, explicação de scenas representadas em quadros, interpretação de pequenos contos, que lhe são narrados, correcção de trechos que lhe são apresentados, etc.

Por meio de notas dadas a essas respostas, obtem-se a edade mental da creança que, dividida pela edade chronologica, dá o quociente mental, que serve para a classificação.

Com o trabalho realizado nessas aulas e conferencias, ficaram os professores da capital em contacto com uma conquista recente da pedagogia, que será dentro em pouco em todo o Estado ventilada e debatida.

O interesse pelo assumpto—como assignalamos acima—não se circumscreveu a Bello Horizonte. Juiz de Fóra reclamou, por intermedio do director dos Grupos Centraes, a presença do professor Baker, que para lá seguiu, depois de haver levado a termo, nesta capital, um trabalho de que se não póde negar o alcance.

Registrando-o, esta Revista chama para o assumpto a attenção dos professores, afim de que acompanhem as publicações sobre a materia e deem assim uma prova de que prezam ao ensino e á sua propria cultura.

—Antes de partir, deixou o professor Baker na Redacção do Minas Geraes estas linhas:

«Ao deixar esta adeantada e hospitaleira cidade, depois de iniciar o movimento dos *tests*, por meio de umas humildes palestras e obras, sinto-me constrangido de sentimentos de apreço pelo bom acolhimento que recebi.

Espero que o trabalho mal começado seja um meio de levar as professoras e directores da instrucção para um estudo mais desenvolvido e scientifico do ensino; que os *tests* venham servir para me-

lhor classificação dos alumnos e estudos, uma vez estabelecidos os *tests*.

Talvez em outra occasião possa completar o movimento e iniciar os *tests* de arithmetica, e *mentimentros* collectivos de intelligencia.

Outra vez agradeço a todos que tão bondosamente cooperaram para o successo deste esforço. —*C. A Baker*».

MOVIMENTO ESCOLAR

Temos o prazer de publicar, logo abaixo, na integra e fielmente, duas provas escriptas de lingua patria e historia do Brasil, feitas, a 1.ª, por uma alumna do 4.º anno, e a 2.ª por uma pequena, do 1.º anno do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco" da Capital, deprehendendo-se da leitura dellas, a proficiencia e aptidão didactica das professoras desse estabelecimento de ensino primario.

OS TAMANQUINHOS DE NARCISO

(CONTO DE NATAL)

Redacção.

Era vespera do Natal.

Pelas ruas de uma cidade de França, caminhava uma pobre criancinha. Tinha as mãosinhas roxas de frio. Andára sete quarteirões, quasi uma rua e ainda não chegára á Escola, para onde ia. Era tão longe! E ainda tinha de andar tanto!

Chamava-se Narciso e era orphão. Perdera seus paes, quando tinha cinco annos.

Desde então, vivia com sua tia, uma velha ganaciosa e má, que o maltratava.

Habitavam uma casa suja e triste, numa rua escura e deserta.

Não porque a tia de Narciso fosse pobre; dinheiro tinha ella muito, guardado numa velha arca. Mas era avara e não queria despendel-o...

Vivia por isso, miseravelmente. Narciso tinha sete annos e parecia ter cinco. Suas roupas eram velhas e rasgadas. Calçava grossas meias e ainda mais grosseiros tamancos.

A neve cahia em grossos flocos e Narciso tiritava.

Passou em frente duma *vitrine*, onde reluziam, entre focos de luzes, vistosos brinquedos, pacotes de balas, grandes arvores de Natal, carregadas de nozes douradas e vellinhas multicores...

Quiz parar, para admirar tudo aquillo e, embora sua tia não estivesse alli, teve medo que ella o visse e lhe ralhasse, chamando-o vadio...

Crianças passavam alegremente, carregadas de brinquedos, sem duvida, para as arvores de Natal, que as boas mamães, carinhosamente, armavam para seus filhinhos.

E Narciso pensava em sua mãezinha, que tantas vezes o embalára nos braços!...

Lembrava-se do dia em que a levaram, num grande caixão negro!... Bem quizera ir ter com ella, o pobresinho!...

Chegou, emfim, á Escola.

Como era dia de Natal, o professor ia levar seus alumnos, á tradicional "Missa do Gallo".

Ao tomar logar entre os meninos, Narciso foi alvo de risadas e chacotas de seus companheiros, porque não tinha como elles, roupas de lã, gorros, luvas e bons sapatos.

Todos sabiam que a tia de Narciso era rica e não podiam imaginar, porque Narciso andava tão mal vestido, calçando tamancos. Os seus tamancos!... Estes, então, muito fizeram soffrer a misera criança. Até o professor riu-se delles, chamando-o pobretão!

O pobre Narciso tinha os olhos turvados de lagrimas, vendo a maldade de seus collegas. Entretanto, estudava e obtinha boas notas. E, só não era o 1.º da classe, porque sua tia negava-lhe cadernos, lapis e até livros!

Soaram 11 horas.

Os meninos encaminharam-se, em fórma, á Igreja, profusamente illuminada. O vasto templo estava apinhado de gente.

De fronte do altar mór, estava armado um lindissimo presepe.

Nelle, numa gruta, rodeado por S. José, a Virgem e pastores, estava o Menino Jesus.

Acabara a Missa.

O povo que a assistia dispersou-se. As crianças iam para seus lares, contentes e anciosas por collocarem seus sapatos na chaminé e irem depois, ver os presentes, que lhes poria Papae Noel, o bom velho de grandes barbas brancas. Ardia nos seus corações, a chamma da alegria! Narciso, tambem, tinha inabalavel esperança de encontrar algum presente, no seu velho par de tamancos. Estava certo, de que Papae Noel não se esqueceria delle.

Quando sahiu da Igreja, Narciso viu, deitado nos degraus do Templo, um lindo menino que dormia profundamente.

Não tinha sapatos e estava vestido de branco. Pobresinho! Pensou Narciso, está descalço! Nem um sapato tem, onde Papae Noel possa pôr algum brinquedo!

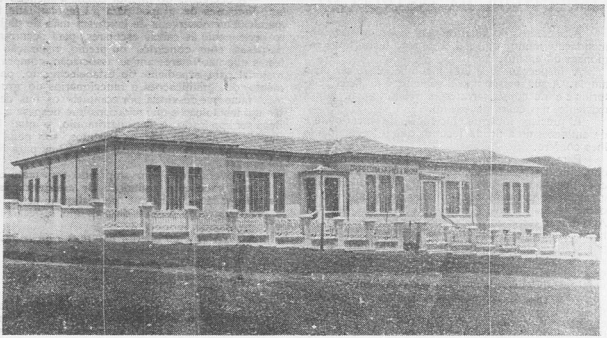
Vou dar-lhe um dos meus tamancos. Assim poderá receber tambem um presente. E movido de piedade, o bom menino descalçou um tamanco e o poz perto da criança adormecida. Andando custosamente, mancando, lá ia Narciso pela neve. Sentia frio no pé descalço, mas não se arrependia do que fizera.

Chegou á casa.

Sua tia recebeu-o arrogantemente. E, vendo que Narciso só trazia um tamanco, a malvada bradou-lhe:

—Onde está o outro tamanco, malandro?

Tremulo e assustado, Narciso contou-lhe tudo: quando encontrára a criança, a pena que tivera della e porque lhe dera o tamanco.



Grupo Escolar "Paula Rocha" — Sabará

—E pensas que podes dar o que é teu? Põe já o outro tamanco no fogão e amanhã encontrarás bonitos presentes.

A intenção da maldosa velha, era collocar no fogão, um feixe de varas com que castigasse Narciso. Este chorava convulsamente, ouvindo tão duras palavras.

A pobre criança foi deitar-se e adormeceu dizendo baixinho: "Mamãe"...

Logo que raiou o dia, a tia de Narciso desceu á cozinha. Logo que entrou, olhando casualmente para o fogão, deu um grito de espanto! Acontecera um milagre!

Na chaminé, no logar onde, na vespera, puzera um molho de varas, estava uma bellissima arvore de Natal, carregada de brinquedos. Mesmo no cimo, nos ultimos galhos, estava um par de tamancos. Os tamancos de Narciso!...

Pendiam dos ramos da arvore, saccos de bombons, livros, roupas de lã, jogos e brinquedos de toda a especie.

Ouviu-se grande algazarra. O povo corria para a praça, onde o vigario narrava-lhe o milagre, que na vespera, se dera na Igreja: a criança que alli dormia, era o Menino Jesus! Uma aureola de luz marcava o logar onde Elle estivera. E Narciso, o pequenino orphão, ajoelhado entre os brinquedos, agradecia a Jesus...

Maria Candida C. Teixeira de Lima. (4.º anno)

PROVA DE HISTORIA DO BRASIL

Perguntas:

I. Quem descobriu o Brasil?

II. Em que dia o Brasil foi descoberto?

III. Em que dia foi celebrada a primeira missa no Brasil? E a segunda?

IV. Como viviam os indios?

V. Quem era o Pagé e quaes eram os deuses dos indios?

Respostas:

I. Quem descobriu o Brasil foi um almirante portuguez, Pedro Alvares Cabral.

II. O Brasil foi descoberto no dia 22 de Abril, no anno de 1500.

III. A primeira missa foi celebrada no dia 26 de Abril; a segunda missa foi celebrada no dia 1.º de Maio, por frei Henrique de Coimbra.

IV. Os indios viviam em tribus, cujo chefe se chamava Cacique e que era o mais valente da tribu.

Elles se alimentavam da pesca, da caça, e raizes e fructas.

V. Pagé era um velho feiticeiro que servia ao mesmo tempo de medico, sacerdote e adivinho. O deus do bem era Tupan e o do mal era Anhangá.

Julho de 1924.

Vedda Sampaio do Couto.

DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

A Secretaria do Interior vem fazer uma recommendação muito especial aos srs. inspectores regionaes do ensino.

A inspecção, que lhes incumbe, deve ser mais ampla. A sua missão não é sómente a de fazer relatorios e a de consignar nesses relatorios as falhas existentes nas casas de ensino.

E' preciso tocar de efficiencia, de sinceridade e de enthusiasmo a alçada fecunda que o Regulamento lhes confere.

Para tanto cumpre que não esmoreçam no desempenho das suas funcções. Examinar os estabelecimentos com os olhos de fiscal e com o empenho caloroso de um enthusiasta do ensino. Ventilar idéas com os responsaveis pela direcção das escolas. Apontar os erros e indicar-lhes os remedios. Imprimir rumo largo a orientações estreitas. Não poupar a sua ausencia constante e viva a cada escola, sempre que a visitar. Ministrar conselhos e explicações. Dar aulas, quando necessario, para que sirvam de modelo.

Acompanhar a execução do programma nos seus processos modernos de ensinar: assistir aos exercicios de educação physica para que sejam praticados de accordo com o programma; corrigir defeitos de canto, muito communs — é dever que lhes cabe pela propria funcção do cargo.

Chamar dos professores a attenção desvelada para o Regulamento. Verificar se os novos programmas de ensino estão sendo bem executados; promover as excursões escolares. Trabalhar pelas Caixas Escolares; obter o concurso publico e particular para a construcção de predios destinados a escolas—não foge á missão dos regionaes, e é antes encargo de que devem desobrigar-se com enthusiasmo e fé.

Fazer, emfim, da sua funcção fiscalizadora uma profissão constructora, conseguindo communicar a todos numa verdadeira e energica impressão de estimulo e de vida.

Assim, procedendo, e cumprindo, portanto, com elevação e descortino, os seus deveres regulamentares, os inspectores technicos farão sem duvida um trabalho duradouro, por que será um trabalho de patriotismo e de intelligencia.

AVISOS

A Secretaria do Interior chama a attenção das professoras para o dever que lhes cabe de auxiliarem as directoras dos grupos no trabalho pelo desenvolvimento das caixas escolares.

Instituição de auxilio ás creanças pobres dos grupos, visando entre outros fins o de augmentar a frequencia escolar, devem as mesmas caixas merecer todo interesse das professoras, que farão com todo cuidado e rigor as listas dos alumnos que estejam em condições de receber aquelle auxilio.

Esta Secretaria tem acompanhado e acompanhará sempre todo o trabalho em pról da assistencia escolar.

—A Secretaria do Interior chama a attenção dos srs. directores de grupos para a irregularidade, frequentemente observada de lançarem mão de dinheiro pertencente ás caixas escolares, para occorrer ás despesas com concertos no predio, realização de festas que não interessam á associação, compra de material para expediente do estabelecimento, pagamento de gratificações a funccionarios do grupo, etc., facto que desvirtua por completo os fins dessa tão util instituição e que não constitue despesa a que deva ser applicado o seu patrimonio, o qual terá destino de accordo com os estatutos, sob pena de responsabilidade, para quem extravial-os para fins differentes.

O governo, que tem amparado com tanto carinho essa excellente instituição de assistencia escolar, não póde permittir que se pratiquem actos que possam concorrer para o desprestigio e decadencia da mesma.

A Secretaria do Interior não registrará os balancetes em que venham consignadas despesas não auctorizadas pelos respectivos estatutos.

Minas Geraes de 21—1—925.

———

O sr. Director da Instrucção recommenda tambem, com toda insistencia, que nos boletins mensaes, mappas de frequencia e em todos os documentos escolares, sempre que houver substituição de professores por motivo de licença ou outro, se declarem os nomes dos substitutos e substituidos.

———

AS COMMEMORAÇÕES DE DATAS NACIONAES E ESTADOAES

A Secretaria do Interior vem chamar a attenção dos srs. directores dos grupos escolares e professores das escolas isoladas para os arts. 250, 251, 252, 253 e 254, do Regulamento do Ensino.

Essas disposições preceituam que as festas escolares, tendo por fim interessar o povo na educação da infancia e despertar o estimulo e a emulação entre os alumnos, deverão ser promovidas com a maior solennidade e que entre estas festas devem estar assignaladas com um programma especial, as commemorações de datas nacionaes e estadoaes, a commemoração do dia da Arvore e a cerimonia da entrega de diplomas.

A Secretaria recommenda, com vivo e sincero empenho, aquellas commemorações que o Regulamento determina, porque ellas vêm apenas afinar os sentimentos de civismo da nossa gente e honrar, sem duvida, os nossos fóros de cultura.

Não se comprehende, com effeito, que, em cidades cultas, as datas de maior expressão em nossa historia passem, ás vezes, sem o echo vibrante e sonoro de uma evocação festiva.

A direcção superior do ensino está certa de que as auctoridades escolares executarão esta parte, não sómente em obediencia ao dispositivo regulamentar, mas tambem para mostrar que os altos principios de civismo sempre encontram rebate e vida no coração das nossas escolas.

(*Minas Geraes 6-2-925*)

Matricula e frequencia escolares

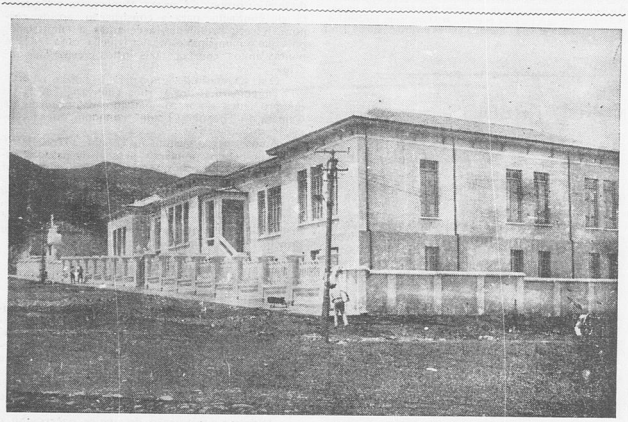
Aos srs. professores e directores de grupos escolares recommendo o maximo empenho, de or'avante, para que obtenhamos nas escolas maior frequencia, maior comparecimento a exames e melhor resultado nestes. No passado anno lectivo, salvo magnificas excepções, foi a frequencia bastante frouxa e pequeno o comparecimento aos exames.

Vamos ter, neste anno, uma matricula consideravel, nunca vista em Minas.

O governo empenha-se pelo aperfeiçoamento do ensino, melhorando ao mesmo tempo as condições do professorado. Faço, pois, um appello a todos os professores e auxiliares do ensino, para que envidem todos os seus esforços no sentido de obtermos grande frequencia nas escolas e um ensino cada vez mais satisfactorio. Não serão conservados nos seus cargos os professores em cujas escolas não corresponderem os exames ao que se tem o direito de exigir.

Sem uma collaboração intelligente, dedicada e infatigavel da parte dos professores, nada se póde conseguir. Essa collaboração, eu a peço, eu a espero, eu conto com ella.

Lucio José dos Santos, director da Instrcção.



Grupo Escolar "Paula Rocha"

A uma professora do Estado foi dirigido o seguinte officio:

Senhora professora,

Acabo de ler papeis referentes á cadeira que dirigis nessa villa, examinando-os, demoradamente, para formar juizo seguro sobre a vossa situação. Tive, assim, o desprazer de constatar que tomaes parte nas luctas politicas desse florescente municipio, creando uma atmosphera de antipathias entre os elementos filiados ao partido contrario áquelle de que fazeis parte, animosidade essa que se reflecte desforavelmente sobre a escola, promovendo o decahimento de sua frequencia.

A vida do professor primario é antes missão do que industria; por isso, deve ser uma das suas mais necessarias qualidades o desinteresse por cousas extranhas ao mister, salvo as decorrentes de obrigações sociaes. Sob esse ponto de vista, o vosso alheiamento da politica é medida que se impõe, si quizerdes reger com proveito a cadeira de que sois titular.

O ensino, trabalho nobre, mas de grande responsabilidade, não pode ser ministrado efficientemente por quem se preoccupa mais com sentimentos de partidarismo do que com as obrigações instructivas. O professor, para desempenhar cabalmente seus deveres, precisa collocar-se em plano elevado, fóra do alcance de apreciações injustas, que magoam e abatem o espirito, e evitar disputas inglorias, que consomem tempo precioso e nenhum beneficio produzem.

Nem elle tem outro dever em face do regulamento, principalmente quando o cargo é exercido por uma senhora.

A opinião vencedora é que o professor não deve nem

pode tomar parte em politica, para que não perca sua linha de neutralidade, prejudicando com isso o ensino e perturbando a sua missão de paz, de caridade e de progresso.

Dirigindo-vos este officio, para que não mais troqueis o trabalho pacifico e santo do ensino em aulas pelas rubras contendas da politica, da qual só desgostos podeis esperar, estabeleço o alheiamento do professor a taes luctas no logar onde residir, afim de poder contar com o aproveitamento dos chefes de familia, trabalhando, amparado pela amizade e confiança de todos, em prol do levantamento do nivel intellectual e moral de seus alumnos.

Conto que meus conselhos serão bem recebidos e calarão em vosso espirito, pois estou no firme proposito de não tolerar a intromissão dos professores publicos em disputas politicas, que apenas servem para os sacrificar.

A divisa de todos nós, que desejamos, sinceramente, o engrandecimento da Patria, deve ser esta — trabalho intenso, firme e persistente na disseminação da instrucção primaria, afim de conseguirmos que os nossos pequenos patricios, quando tiverem de agir na vida pratica, o façam com verdadeiro proveito, desenvolvendo todas as fontes do progresso do paiz. — Saudações.

NOVOS PREDIOS PARA GRUPOS ESCOLARES

SABARA'

Em dezembro de 1923, quando presidente do Estado o sr. dr. Raul Soares e secretario do Interior o sr. dr. Fernando Mello Vianna, resolveu o governo a levar a termo a construcção do Grupo Escolar de Sabará, antes iniciada pelo sr. presidente da Camara.

O predio, que de então já não servia mais, dadas as proporções a que attingira na cidade a frequencia escolar e attentas as condições acanhadas da casa.

O governo quiz dar á legendaria cidade um predio confortavel, que satisfizesse aos altos interesses da educação primaria.

A construcção demorou pouco mais de um anno, porque em janeiro do corrente anno estavam as obras terminadas.

Custaram ao Estado 252:351$259 e o serviço foi dirigido pelo sr. Serafim Meneguini.

A inauguração do grupo se deu no mez de fevereiro p. findo, entre as mais irradiantes demonstrações de enthusiasmo por parte da população sabarense, estando presentes á solemnidade em companhia dos seus auxiliares de governo, o sr. presidente Mello Vianna.

O predio é vistoso e elegante, apresentando imponente aspecto de sua fachada.

Ao mesmo passo, ha sobriedade e simplicidade na sua construcção. As salas de aula offerecem o conforto necessario aos que ensinam e aos que apprendem. Tudo bem dividido e bem delineado.

Uma obra bastante, emfim, para recommendar a seriedade de uma administração.

THEOPHILO OTTONI

Em abril de 1923, o sr. presidente da Camara de Theophilo Ottoni officiava ao então secretario do Interior sr. dr. Fernando Mello Vianna, offerecendo-lhe, devidamente auctorizado, o terreno necessario para a construcção do edificio destinado ao funccionamento do Grupo daquella cidade «velha e legitima aspiração», que aquella municipalidade entregava ao alto patrocinio de s. excia.

Deram-se as necessarias providencias.

Fez-se, na Directoria de Obras da Agricultura, a planta para um bom predio, que pudesse comportar 8 cadeiras. E em janeiro de 1924, o sr. secretario do Interior propoz á Camara Municipal a assignatura do contracto para a construcção, ao que respondeu o seu presidente, acceitando a empreitada, pois que o municipio esperava aquella obra «desde muitos annos com os mais justos e esperados anccios».

O sr. secretario designou para fiscalizar o serviço o engenheiro Pedro Martins Guerra e, em 31 de outubro, antes do prazo marcado, o presidente da Camara de Theophilo Ottoni communicou a terminação dos trabalhos.

A construcção custou ao Estado 147:824$000.

Mas, pelo depoimento pessoal de pessoas auctorizadas, verifica-se que o dinheiro publico foi applicado num melhoramento duradouro.

Tanto assim é que o povo de Theophilo Ottoni soube imprimir á sua gratidão um cunho de raro enthusiasmo, tendo inaugurado neste anno o novo e bello edificio em que está agora funccionando o seu principal estabelecimento de instrucção primaria.

GUARARA'

Attendendo a um officio da directoria do Grupo Escolar de Guarará e a verificações posteriormente feitas em consequencia desse officio, o sr. dr. Fernando Mello Vianna, então secretario do Interior, determinou a construcção de novo predio para o Grupo daquella localidade.

O existente na occasião estava em ruinas. Resolveu-se assim demolil-o e construir outro, com o aproveitamento do material.

Dirigiu a construcção, de que se encarregou o sr. João Francisco Manoel da Costa, o engenheiro do Estado dr. Carlos Alberto Pinto Coelho como fiscal.

As obras foram annunciadas por 59:592$400, despesa que foi accrescida com a melhoração de outros serviços extraordinarios que surgiram imprescindiveis.

A construcção, atacada em fins de 1923, está terminada. O predio satisfaz inteiramente ás necessidades do ensino em Guarará e foi feito com capricho, sendo rigorosamente fiscalizado pelo sr. empreiteiro do Estado.

Trata-se, pois, de um novo melhoramento, que se inclue entre os titulos de benemerencia de que é credora a administração mineira.

DO CANTO NAS ESCOLAS

SUA UTILIDADE

(JOSE' EUTROPIO)

O ensino do canto, nas escolas brasileiras, só agora vae assumindo a importancia que merece ter, porque só agora é que a escola vae se transformando em casa de alegria, em lar do espirito donde foram banidos os processos de terror, outrora em tão grande valimento.

Esta modificação para melhor ainda não está, porém, completa.

Ainda ha bastante que fazer, no sentido de elevar a escola até á altura ideal a que naturalmente ella aspira.

PODER DA MUSICA

Nesta ascensão, que se poderia dizer continua, a musica exerce papel de relevo excepcional, porque nenhuma arte possue tanta efiticiencia de acção sobre nossa sensibilidade como esta dos sons.

Não ha necessidade de demonstrar aqui o quanto a força emotiva da musica pode sobre as creaturas, atravez da sensibilidade de cada uma.

Já é verdade vulgar este poder.

Trata-se de estudar o modo de tornar cada vez mais efiticiente esta potencia utilizada como meio educativo, na Escola.

Sob tal ponto de vista as possibilidades da musica são illimitadas. Nenhuma arte se presta a acompanhar melhor a evolução da alma humana, porque para cada phase da intelligencia ella tem uma modalidade adequada, que se vae tornando cada vez mais complexa, á proporção que mais delicada, mais subtil mais penetrante, mais complexa vae se tornando aquella.

ESCOLHA DA MUSICA

Utilizar a força educativa da musica consiste, portanto, em saber servir-se della na medida da sensibilidade do homem, sensibilidade que com a instrucção, com o aperfeiçoamento gradual de intelligencia vae aos extremos transcendentes das fórmas mais complexas que o engenho humano imaginou e realizou.

Isto quer, evidentemente, significar que na escola ha de a musica estar ao alcance das crianças.

Um grande compositor (1) affirmou haver duas musicas: a que agrada ao ouvido e a que faz pensar. A musica, que se ha de dar ás crianças é sem duvida, a do primeiro genero: a que lisongeia o ouvido, porque é agradavel, facil de se fixar na memoria, facil de repetir.

Para chegar á segunda, á musica que faz pensar, é preciso que se vá aperfeiçoando a sensibilidade, apurando o gosto, alargando a comprehensão do pensamento musical, o que se obtem seja activamente, pelo estudo, pela pratica, ou passivamente pela audição continua de bons auctores. A' criança deve-se dar musica propria para sua edade e sua comprehensão limitada.

A' medida que se fôr educando e desenvolvendo seu gosto, irão sendo ensinados trechos mais difficeis e variados.

Esta distribuição gradativa e racional é difficil, actualmente, pela falta quasi completa de cantigas e hymnos escolhidos e convenientemente preparados para crianças.

O CANCIONEIRO INFANTIL E O CONCURSO DOS PROFESSORES

Não é, porém, difficil ir aos poucos supprimindo esta falha, desde que os professores concorram, por todos os modos a seu alcance, não só para que seja feito proveitosamente o canto escolar dos poucos hymnos e cantigas de que dispomos, como tambem recolhendo da bocca das crianças os cantares que ellas enfoam nos seus folguedos.

APRENDER CANTANDO E' ESTUDAR COM ALEGRIA

Conforme a natureza do assumpto e o texto do canto, deve o professor utilizar o ensejo para ensinar alguma cousa á criança. O tempo empregado em cantar deve ser valorizado e qualquer que seja o cantico entoado, deve elle constituir um meio que o mestre usa para fixar alguma cousa na intelligencia infantil. A hora de canto, sobre ser um momento de alegria para as crianças, fica sendo tambem um prolongamento das aulas, uma lição que, a rir, alegremente o alumno aprende. Comprehendido assim, o canto escolar fica collocado no seu verdadeiro papel de educador da sensibilidade e de orientador do senso da belleza.

Ora, ninguem ignora quão importante é a sensibilidade da criança, sensibilidade que é modalidade dos instinctos fundamentaes da natureza humana.

Aproveital-a com sabedoria e intelligencia é orientar com segurança a evolução mental da criança da meia luz dos instinctos para a plena claridade da intelligencia.

Não se trata, como a muitos poderia parecer, de formar artistas ou instrumentistas. Não. Estas preoccupações, aliás desarrazoadas, perturbariam a acção do professor, prejudicando a finalidade do seu esforço. Deve-se ensinar á criança o mais que fôr possivel, mas sem exigir-lhe esforços demasiados, que transformariam um momento de prazer em penosa tarefa, sem encanto e exhauriente.

(1) Berlioz.

(*Continúa*)

OS NOSSOS BONS PROFESSORES

PORTARIAS E OFFICIOS DE ELOGIO

Em Minas—mercê de Deus—as recommendações opportunas e energicas dos administradores bons não vêm encontrando, principalmente, no que diz respeito ao ensino, não vêm encontrando cumpridores mãos. O empenho ardente, cada vez mais vivo, pela efiticiencia das nossas casas de instrucção, a seriedade, cheia de enthusiasmo, com que entre nós se procura resolver o problema educacional—não morrem nos altos conselhos do governo.

Em todos os recantos do Estado fortemente se projecta a sua actuação. E no seio do professorado mineiro não são poucos aquelles que sabem imprimir ao desempenho profissional, zelo severo cumprimento dos deveres, uma nota a mais de efficiencia e de vida, um calor maior, um raio claro de intelligencia no caminho traçado pelos superiores hierarchicos.

Ainda hoje publicamos os nomes de professores de varios estabelecimentos do Estado, os quaes mereceram do sr. dr. Sandoval Azevedo, Secretario do Interior, a distincção de um elogio, pela alta correcção com que se desobrigaram dos deveres regulamentares.

São os seguintes esses professores, elogiados em portarias e officios de 1 de janeiro a 15 de fevereiro, e que assim tão justamente se recommendaram ás palavras dos que sinceramente cuidam do ensino em Minas:

Relação dos professores elogiados no mez de janeiro de 1925

POR PORTARIA:

Dia 13:

1—Maria Josephina Affonso, do povoado de Sôpa, municipio de Diamantina;

Dia 17:

2—Wasilik Camargo de Abreu, no districto de São Pedro dos Ferros, municipio de Rio Casca;

3—Maria do Amparo Roque, no povoado de Baraunas, municipio de Diamantina;

Dia 23:

4—Maria Godoy, do districto de Santo Antonio dos Teixeiras, municipio de Viçosa;

5 Maria Clementina da Silva, do povoado de Barroada, municipio de Guanhães;

Dia 26:

6—Carlota Victor de Souza, do povoado de S. Sebastião do Barroso, municipio de Rio Casca;

7—Raymunda de Castro, de S. Antonio do Matipoó, municipio de Abre Campo;

Dia 28:

8—Maria José Vieira, da cidade de Raul Soares,

Dia 3 de fevereiro:

1—Seraphina Felicissimo de Paula Xavier, do Bairro do Alto da Cruz, na cidade de Ouro Preto.

2—Firmino Costa e o corpo docente do Grupo Escolar, da cidade de Lavras;

Dia 6:

3—Amelia da Annunciação Pyramo, do districto de Suassuhy, municipio de Entre Rios;

POR OFFICIOS:

Dia 8 de janeiro:

1—Marietta Cintra, da cidade de Passos;

Dia 10:

2—Laura Isequielina de Oliveira, do povoado de São Geraldo, municipio de Inconfidencia;

Dia 6 de fevereiro:

1—Ercilia Karcher de Amorim, de Lagôa Formosa, municipio de Patos;

2—Alzira Borges Souto, na mesma localidade;

Dia 10:

3—Aurea da Magalhães, de Cabeças, municipio de Ouro Preto;

Dia 12:

4—Maria Carolina Vieira, de Engenheiro Corrêa, municipio de Ouro Preto;

5—Hilario Pinheiro Jardim e as professoras do Grupo Escolar que merecerem, de Arassuahy;

Dia 13:

6—Donato Eugenio da Silva e as professoras do Grupo Escolar de Campo Bello;

7—Anna Guimarães, professoras e empregados do Grupo Escolar, de Ouro Preto;

8—Mercedes Italia Galloti Serra, de Sant'Anna, municipio de Cataguazes;

9—Victoria Maria Alves, de Gouvêa, municipio de Diamantina;

10—Francisca Rocha, de Martins, municipio de Oliveira;

Dia 14:

11—Augusto Macêdo, de Gloria do Muriahé, municipio de Muriahé; e

12—Francisca Silveira Gomes Pereira, de Gouvêa, municipio de Diamantina.

OS METHODOS ESCOLARES DO ESTADO EM 1924

Os relatorios não se fazem para archivar. Principalmente os relatorios sobre ensino, cuja evolução tem de ser marcada constantemente e que deve, sempre, receber a influencia constructora das observações e das experiencias.

Assim pensando, resolvemos publicar esta secção, em que se registre o que de util e de melhor aconteceu, no anno p. findo nas casas de instrucção primaria do nosso Estado.

Iremos aos poucos dando desempenho ao objecto desta columna, que, sobre ser noticiosa, servirá de estimulo aos que de facto trabalham em pról do desenvolvimento do ensino.

Pedra Branca

Matricularam-se no grupo de Pedra Branca: primeiro semestre, 246 alumnos; 2.º semestre, 229. Foram approvados 108 alumnos, representando 70°/. da frequencia que foi: 1.º semestre, 181; 2.º semestre, 153.

A Caixa Escolar rendeu 1:092$300 e gastou 926$540.

O inspector regional, que visitou esse grupo, teve bôa impressão.

Paraguassú

Matricularam-se no grupo de Paraguassú: 1.º semestre, 350; 2.º, 325. Foram approvados 186 alumnos representando 72°/o da frequencia, que foi: 1.º semestre, 232; 2.º, 258.

A Caixa Escolar rendeu 1:289$550 e despendeu 525$700. A Camara local votou-lhe um auxilio de 300$000 para 1925.

O grupo causou bôa impressão, que foi annotada na Secretaria do Interior.

Santa Quiteria

Matricularam-se: 1.º semestre, 375; 2.º semestre, 276. Foram approvados 179 alumnos, representando 69°/. da frequencia, que foi: 1.º semestre, 352 alumnos; 2.º, 256.

A Caixa rendeu 2:929$415 e despendeu 570$680.

O grupo teve bom funccionamento.

Pedro Leopoldo

Matricularam-se: 1.º semestre 431; 2.º, 398. Foram approvados 139, representando 58°/o da frequencia, que foi: 1.º semestre, 253; 2.º, 239.

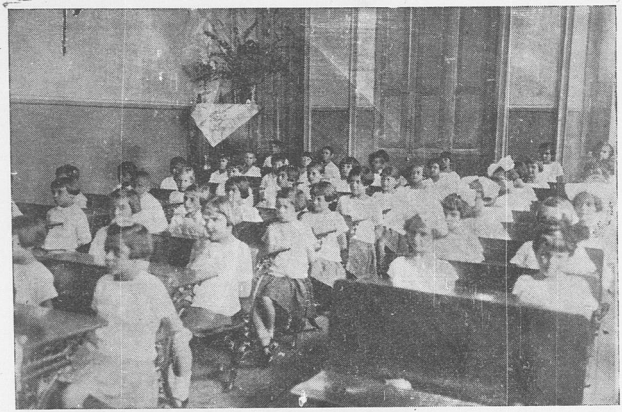
A Caixa rendeu 3:526$777 e despendeu 198$000.

A receita da Caixa foi, pois, consideravel, o que muito abona director e professores.

Campo Bello

Matricula: 1.º semestre, 420; 2.º semestre, 432. Frequencia: 1.º semestre, 277; 2.º, 264. Foram approvados 187 alumnos, representando 70°/o de frequencia.

A Caixa rendeu 2.191$888, com o saldo do anno atrazado, e despendeu 901$580.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco". — Alumnos em aula

Rio Branco

Matricula: 1.º semestre 408; 2.º, 414. Frequencia: 1.º semestre, 209; 2.º semestre, 239.

A Caixa, que é subvencionada pela camara local com 300$000 annuaes, rendeu 2:341$570, com o saldo do anno passado de 180$810.

O grupo distribuiu varios premios, publicou um pequeno jornal e possue uma bibliotheca. Iniciativas dignas de applauso.

Itajubá

Matricula: 1.º semestre: 478; 2.º semestre 386. Frequencia: 1.º semestre, 280; 2.º semestre 270.

Trata-se de um grupo bem organizado.

Lavras

Matricula: 1.º semestre, 720; 2.º semestre, 645. Frequencia 527 (1.º semestre) e 507 (2.º semestre).

Foram approvados 279 alumnos, representando 55 °/o da frequencia.

A Caixa rendeu 10:176$468, com um saldo de 1923, e despendeu 5:113$340.

O grupo possue um curso complementar, em que se approvaram 38 alumnos, representando 92 °/o da frequencia.

A organização desse grupo, que é dos estabelecimentos que honram o Estado, abrange o ensino primario, o ensino technico complementar, o curso para a formação de professores ruraes, a assistencia escolar, a bibliotheca e o museu e caixa escolar.

O ensino primario é ministrado em 13 escolas; dá-se em cinco aulas o ensino technico; consta de 2 annos o curso de professores ruraes; a assistencia se desdobra em serviços varios; funccionam regularmente a bibliotheca e o museu e a Caixa Escolar preenche os seus altos fins.

Indayá

Matricula: 1.º semestre, 437; 2.º semestre, 404. Frequencia, 284 (1.º semestre); 287 (2.º semestre). O numero de approvações abrangeu 64 °/o da frequencia. A impressão do grupo é bôa. Mas a Caixa Escolar sómente agora está tendo existencia real.

Queluz

Matricula: 1.º semestre: 501; 2.º semestre: 491. Frequencia; 1.º, 334; 2.º, 318. Foram approvados 270 alumnos, representando 84 °/o da frequencia.

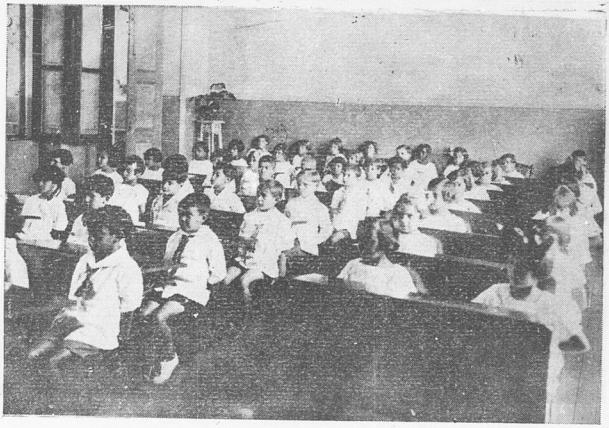
A Caixa rendeu 2:097$000, com um saldo de 1923, e despendeu 451$000.

Itabira

Matricula: 1.º semestre, 549; 2.º, 619. Frequencia: 1.º, 308; 2.º, 395.

Foram approvados 313 alumnos, representando 79 °/o da frequencia.

A Caixa rendeu 1:430$971, com um saldo de 1:156$971 do anno de 1923, e despendeu 634$500.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco". — Alumnos em aula

Clubs Agricolas de Meninos e Moços

Em sua edição de 15 de fevereiro, o Jornal do Commercio do Rio publicou, subordinado á epigraphe supra, um interessante artigo sobre a instituição de clubs agricolas, em diversos paizes da Europa e da America, tendentes a acordar no peito dos jovens alumnos verdadeiro enthusiasmo pela applicação dos ensinamentos recebidos nas escolas.

Taes aggremiações tiveram inicio na occasião da grande guerra e hoje acham-se fundamente arraigadas, tal a sua importancia no ensino e na educação.

Um dos escopos primordiaes dos clubs é o de ter o ensino uma repercussão na pratica, pois que sem essa condição, a instrucção que os jovens educandos vão recebendo, são inteiramente sem base solida e de nenhum proveito.

Assim entenderam varios paizes cultos como os Estados Unidos, a Allemanha, a França e a Inglaterra, que, em cuja organização escolar, procuraram, com a implantação das utilissimas sociedades, dar o ensino um cunho notadamente pratico.

Nas escolas agricolas desses paizes, a mais séria preoccupação dos dirigentes é a applicação dos conhecimentos theoricos que os alumnos vão adquirindo, habituando-se estes a adaptal-os ao ambiente em que se acham e á profissão que mais tarde vão seguir.

A instituição desses clubs, se bem que recente, vae prospera e proveitosa. Com effeito, em 33 escolas do norte e do oéste existiam em 1921, 16.262 clubs, contando-se 212.287 socios, com uma producção de 4.219.226 dollars.

Além de ter o club escolar o caracteristico do ensino pratico, ministra aos alumnos exercicios domesticos, não descurando, porém, outros fitos de real proveito para a educação dos meninos.

A' vista dos excellentes resultados praticos que se teem verificado nesses associações, a sua diffusão tem sido bastante accentuada em diversos paizes.

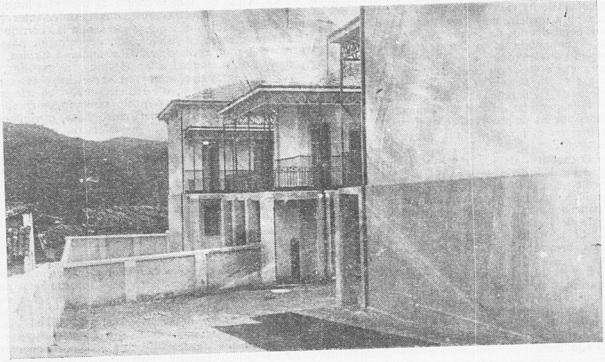
Nas escolas agricolas dos Estados Unidos, taes aggremiações visam diversos objectivos. Umas se occupam exclusivamente com a criação de porcos, outras com o amanho de batatas, milho, feijão, etc.

O fim ultimo do club não está, porém, na criação e na horticultura em pequenina escala. Applicando os principios theoricos de plantação, cria de animaes, etc , o alumno tem occasiões frequentes de aprender novos methodos de tocar pequenas e grandes industrias agricolas, conhecendo de perto os processos mais recentes de hygiene, alimentação e conservação dos productos obtidos.

Ademais, como estimulo para as creanças e rapazes, — pois ha tambem os clubs para estes — instituem-se certamens, realizam-se exposições de productos agricolas, conferindo-se premios áquelles que exhibem os melhores fructos do seu esforço pessoal. Foi sobretudo destas exposições que nasceu nos meninos o lyrismo admiravel por taes sociedades.

De facto, os meninos impulsionados, como é natural á edade, pelo interesse e pelo egoismo, encontram certamente grande prazer no estudo, por esse meio.

Seria uma medida de alta relevancia para a instrucção, se o Governo introduzisse não só nas escolas agricolas, como em diversos ramos do ensino, a organização desses clubs, pois pelo exito que já se tem auferido delles, poderiam ser o ponto de partida para o desdobramento de novos horizontes de progresso em nossa terra.



Grupo Escolar "Paula Rocha". — Fundo do edificio.

ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

Em Barbacena, um vereador municipal apresentou um projecto mandando subvencionar e ajudar o novo grupo escolar a fundar-se na cidade, estabelecendo recursos para a installação da competente assistencia dentaria.

E' uma idéa muito feliz, tanto mais quanto vale pelo que possa realizar e pela propaganda que effectua e obtém.

Hoje, todos os que se interessam pelas questões pedagogicas, pelo futuro das raças e pelo bem-estar da humanidade, solicitam medidas tendentes a garantir a saude e a robustez dos individuos sob todos os seus aspectos.

A escola já não é sómente o ensino das primeiras letras: é tambem o ensino, o preparo de tudo que é necessario para tornar o homem saudavel e feliz.

Portanto, a escola deve ensinar como podemos agir para conservar em plena saude todos os nossos orgãos, mas, ao mesmo tempo, preciza mostrar a melhor conducta para isso e ajudar e amparar o alumno quando elle sósinho não tiver recursos para tanto. Em outras palavras, num caso como o da assistencia dentaria, a escola não se deve limitar a ensinar como é necessario manter a hygiene da bocca: — e deve ajudar aos alumnos que não podem fazer os trabalhos cirurgicos dentarios.

Por tudo isso, a escola vai tendendo, não só por meio de secções annexas como de auxilios dos centros escolares, em contribuir para o bem-estar, a saude e prosperidade dos alumnos sob todos os pontos de vista. A assistencia dentaria vai sendo hoje, sob o ponto de vista da organização geral, o complemento indicado de todas as escolas modelo.

Nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Allemanha e Suissa funccionam varios serviços nesse sentido e, entre nós, já temos a consignar tentativas e primeiros ensaios em alguns estabelecimentos dos Estados e do Districto Federal.

Novos rumos educativos

(PROF. NELSON DE SENNA)

Para epocas diversas, planos e programmas differentes: — é já um apophtégma pedagogico e didactico. Ninguem póde pretender ensinar e educar a gerações novas, nascidas e criadas sob outra ambiencia de idéas, de costumes e habitos, pelos mesmos processos de ha viate annos atraz. O mundo inteiro renovou a maneira de viver da humanidade, nos dous hemispherios da Terra. A electricidade, o radio, o automobilismo, o cinema, a aviação, o telegrapho e o telephonio, com ou sem fio, as estradas de tracção a vapor ou electrica, os inventos e applicações da Physica e da Chimica... transformaram o aspecto da civilisação, em nossos dias, e puzeram por toda parte ao alcance do homem, em qualquer edade, noções de progresso e conforto, que os nossos maiores mal conheceram, previram ou experimentaram.

O desporto da juventude, nos mais variados exercicios das diversões *sportivas*, adestrou melhor a gente nova, tornou-lhe o corpo maneiro e esbelto, e tonificou os mais esperançosos rebentos da raça humana, sob qualquer clima ou latitude, com uma alegria de viver desconhecida das gerações anteriores. E' agora que, como nos tempos aureos da Grecia, bem se póde dizer: *Mens sana in corpore sano*.

E a disciplina juridica das sociedades policiadas; a concepção democratica da politica, em nossos dias; o espirito christão dominante nos povos occidentaes; a mentalidade geral dos que governam ou dirigem as massas, sempre voltada para a realisação immediata de problemas essenciaes ao bem estar physico e ao equilibrio moral dos povos: — São factores indiscutiveis dessa profunda e sensivel modificação do meio social e dos proprios individuos, em cada paiz. O menino de hoje se vae fazendo homem, num ambiente hygienisado, onde se familiarisa com outro regimen de conforto e asseio, e se habitua a costumes de sanidade physica, que eram desconhecidos de gerações passadas, aqui mesmo em nosso paiz.

Os meios variadissimos e rapidos de transportes, a diffusão dos apparelhos sanitarios, as rêdes de abastecimento d'agua potavel e as canalisações de esgotos, as casas de habitação edificadas sob outros preceitos architectonicos de ar e luz, os constantes melhoramentos urbanos e ruraes, as forças motrizes do vapor e da potencia hydraulica, através de tantas machinas e installações praticas e bemfazejas, todas tendentes a alliviar o ser humano e os proprios irracionaes de penas e fadigas esfalfantes: — tornaram as povoações e os campos mais saudaveis e attrahentes para, naquellas e nestes, a gente viver.

Qualquer garoto de cidade «aprende no ar», como se diz, uma série de noções, que outrora sómente os sabios ou eruditos podiam conhecer.

O thermometro, o para-raio, o filtro Pasteur, o freio da locomotiva, a corrente electrica, o ventilador, o papel carbono para copia, o aeroplano e o vôo pelo espaço, as machinas de escrever e as registradoras e de calcular, a fita do cinema, o telephonema, o radiogramma, o *colise* o vale postal, o aviso meteorologico sobre a mudança atmospherica, a previsão do tempo, a hora fixa, o adubo fertilisante da terra (escorias, guano, nitratos), os instrumentos e tractores agricolas, as genericas noções de prophylaxia e therapeutica (o quinino e a extincção do mosquito eliminando o impaludismo, a vaccina e os sôros para defesa do homem contra as molestias infectocontagiosas, a acção energica dos desinfectantes chimicos): — são cousas que já vão sendo tão corriqueiras, nos centros civilisados, como egualmente passaram a ser do conhecimento commum: a turbina, o motor, o automovel, a luz electrica, a gazolina, o prélo typographico, a usina, a sorveteira, o reservatorio, a linha ferrea, o carro electrico, o fio telegraphico, o auto-falante, o posto sanitario, os comprimidos medicinaes, o «mata-mosquitos», o vigilante nocturno, o guarda-civil, o estafeta ou carteiro do correio e do telegrapho...

E a imprensa vem sendo a grande propagadora por entre todas as classes dessas noções geraes da civilisação e conforto, através dos jornaes, dos livros, dos almanaques, dos *magazines*, das revistas, dos annuncios da mais attrahente *reclame*, em letra de fôrma, vindo o maravilhoso cinematographo, já tão vulgarisado, completar com a imagem animada as impressões deixadas pela leitura, no espirito de toda gente, velhos e creanças, letrados e incultos. De modo que a escola de qualquer gráo, em nossa época, tem de reflectir nos seus programmas de ensino e educação essa ambiencia em que nascem, vivem e são creadas as gerações novas. Todo programma que fugir dessa orientação logica e necessaria será um programma falho e deficiente. Eis porque penso que desde a isolada cadeira rudimentar até ao Grupo Escolar, mais bem organisado, em nosso ensino primario, tem de se adaptar á intelligencia do alumno um programma que o incite a concretisar e desenvolver os conhecimentos, de que já teve uma prévia visão externa, no meio em que se agita e está sendo formada a sua mentalidade. Assim como a medicina de hoje só estuda doentes, e através delles as molestias, e por isso mesmo acompanha as enfermidades através de cada organismo affectado, assim tambem a bôa pedagogia scientifica manda que o professor mais se preoccupe com o alumno, do que com os programmas de ensino, pois que é através de cada intelligencia, em tenra formação, que o mestre ha de ir ministrando com maior proveito e doçura os graduaes conhecimentos escolares, sem jamais forçar ou enquadrar a mentalidade do discipulo dentro do "leito de Procusto" de uns tantos programmas rebarbativos e niveladores de todas as intelligencias jovens a uma só bitola. Bem haja a orientação dos dirigentes de minha terra natal, convencendo-se de que ao nosso ensino official primario—base de toda construcção social estavel, numa democracia que se affirma inimiga e combatente do analphabetismo—deviam ser rasgados outros horizontes para chegarmos a pre-

parar solidamente as gerações de amanhã, dando-lhes desde já á intelligencia e ao espirito "novos rumos" mais compativeis com o progresso humano.

Belio Horizonte, 13 de fevereiro de 1925.

O ENSINO DE PHARMACIA

EM MINAS GERAES

Mal desprendida das faixas coloniaes, e apenas começando a respirar as auras tonificantes da vida autonoma, a Provincia de Minas-Geraes, creada na época da separação do Brasil, da metropole portugueza, começou, cedo, a cogitar em estabelecer o ensino superior, dentro de suas fronteiras.

E' assim que, ao alvorecer do primeiro imperio, isto é, em 1823, quando se discutia na Assembléa Constituinte Brasileira um projecto que fundava Universidades no Brasil, as Camaras Municipaes das Villas de Queluz, S. João d'El-Rey, Barbacena, S. José, Caeté, Tamanduá, Baependy, Pitangy, Sabará, Campanha da Princeza e do Principe, cheias das reminiscencias do sonho dourado dos Inconfidentes, manifestavam, ante a mesma Assembléa, seus votos de contentamento por tão almejada creação e lembraram a conveniencia do assento da Universidade em alguns de seus municipios.

Decorridos seis annos, a saber, a 28 de janeiro de 1829, discutindo-se no Conselho do Governo da Provincia, uma proposta concernente á instrucção publica, o Conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcellos offereceu um artigo additivo, determinando que se estabelecesse, na capital mineira, «o ensino das materias da Academia Medico-Cirurgica da Côrte do Rio de Janeiro.»

Tres annos depois, na sessão do dia 30 de janeiro de 1832, do Conselho Geral da Provincia, e assignado por José Pedro de Carvalho, foi apresentado um projecto da «creação, na Villa de S. João d'El-Rey, de uma Academia Medico-Cirurgica, com as mesmas cadeiras e egual numero de lentes e substitutos que tem a do Rio de Janeiro».

Todos esses projectos e todas essas indicações não passavam, porém, de tentativas generosas e de anceios de progresso, que sempre constituiram o apanágio glorioso da culta Minas-Geraes.

Finalmente, dezesete annos depois de nossa emancipação politica, sendo Presidente da Provincia de Minas o notavel estadista Bernardo Jacintho da Veiga, foi votada a lei mineira n. 140, de 4 de abril de 1839, em virtude da qual foram creadas duas Escolas de Pharmacia, uma em Ouro Preto, outra em S. João d'El-Rey.

O primeiro desses institutos, depois de haver passado por diversas reformas tendentes a ampliar e a melhorar o seu curso, constitue, ha oitenta e seis annos, um dos mais fecundos alfôbres de pharmaceuticos, e vae sustentando, com nobreza e galhardia, o bastão de decãno dos estabelecimentos de ensino superior de Minas-Geraes.

Com a proclamação da Republica e a consequente promulgação do Decreto do Governo Provisorio, n. 981, de 8 de novembro de 1890, que regulamentou, sob novo plano, o ensino publico, era de esperar-se que surgissem, nos Estados, desejos de possuirem estabelecimentos de ensino secundario e superior, equiparaveis aos institutos federaes, nos termos do art. 38 do citado regulamento.

Foi, pelo menos, o que se deu aqui, em Minas, onde se verificou um verdadeiro rebento de aspirações que visavam alto, no tocante á instrucção publica.

Sob os auspicios da liberalidade do referido Decreto, e tomando como modelo a velha Escola de Pharmacia de Ouro Preto, matriarcha veneranda de nossas academias, que, em sua farta apojadura, tem creado tantas gerações de profissionaes, fundaram-se diversas outras escolas congeneres, em varios pontos do Estado de Minas, nas quaes se distribue o ensino pharmaceutico, taes como as de Bello Horizonte, Juiz de Fóra, Leopoldina, Ouro Fino e Pouso Alegre.

Entretanto, é para a anciã Escola de Pharmacia de Ouro Preto, onde em maxima parte, receberam ensinamentos aquelles que leccionam nas outras escolas, novamente creadas,—é para essa mãe espiritual, commum, que devem estender-se nossas mãos carregadas de bençãos e voar nossos corações tumidos de gratidão amorosa....

Fevereiro—11—1925.

AURELIO PIRES

A Eugenia

Dentre as relevantes iniciativas da actual reforma do ensino que constitue uma das mais notaveis realizações do grande presidente Mello Vianna e cujos destinos estão entregues especialmente á alta competencia e acendrado patriotismo do illustre Secretario do Interior, dr. Sandoval de Azevedo e do illustrado dr. Lucio dos Santos, director da instrucção, culminassem duvida, a da criação desta *Revista de Ensino*, pela natureza dos serviços que ha de prestar, não só como elemento orientador do professorado, como tambem de edificação do espirito popular que não pode divorciar-se das questões inherentes á intrucção primaria e da cruzada da desanalphabetização das grandes populações disseminadas pelo nosso vastissimo territorio, nesta hora feliz e de longo tempo esperada em que se vai pôr em pratica a lei da obrigatoriedade do ensino.

Tendo fundado e dirigido durante dois annos uma *Revista de Ensino*, em nosso Estado, e que só desappareceu por ser uma publicação de iniciativa meramente particular, não é sem immenso jubilo que vejo surgir, officialmente editada, esta *Revista*, graças ao sábio dispositivo da vigente reforma que a instituiu.

Dahi explica-se a razão de minha presença nestas columnas, onde tantas competencias se vão reaffirmar e tantas promissoras revelações teremos de applaudir.

O seculo actual foi, com felicidade, denominado por um pedagogo notavel — *seculo da criança*.

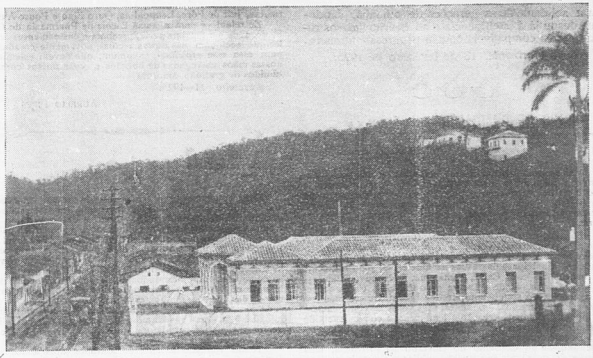
E não achamos hyperbolico este designativo, quando vemos todas as nações cultas ou mesmo com tendencia para uma civilização mais perfeita; as autoridades mais lidimas no dominio da pedagogia e da cultura em geral; os espiritos superiormente patrioticos, voltados para os multiplos problemas que se relacionam com a obra maxima da educação da infancia.

Como se não bastassem as investigações e realizações pedagogicas de cunho exclusivamente scientifico; as organizações associativas com a preocupação intensa e ininterrupta de disseminar e aperfeiçoar o ensino; as aggremiações puramente educativas; a imprensa pedagogica como um dos principaes factores de propagação de methodos e doutrinas, a mais se nos depara, como elemento precipuo do ideal collimado, a nova sciencia da Eugenia.

O codigo de hygiene instituido pela reforma Mello Vianna e a escola maternal, criação admiravel jamais sufficientemente louvada, são indicios seguros e eloquentes de que em nosso Estado se inicia uma nova época em que os interesses daquella sciencia, que são os da raça, vão merecer beneficas attenções.

Se os nossos educadores tiverem em vista a necessidade imperativa de imitarmos a Inglaterra e a Allemanha, especializando-se no estudo da Eugenia, o que vale dizer no estudo nos *factores que influem sobre a qualidade das raças*, terão dado um grande passo para a solução, por processos directos, do importante problema da educação em geral.

Se é certo que em S. Paulo funcciona, com fructuosos resultados, um gremio notavel de cultores da nova sciencia; se é sabido que as suas organizações de escotismo tiveram surto rapido e cada vez mais ascendente; todavia não podemos affirmar se por outras faces a Eugenia tenha tido ali influencia directa no aparelho educativo da infancia e se dentro dos programmas das respectivas aulas normaes se terá acolhido algo referente á materia, além do que no vasto dominio



Grupo Escolar de Theophilo Ottoni

da psycologia experimental ou da pedologia póde interessar theoricamente ao assumpto.

Em Minas, que, incontestavelmente no que concerne ao ensino primario, é o Estado que, ao lado de S Paulo, mais se salienta, só agora alvorecem os primeiros signaes de maior interesse pelo problema.

Bom seria que os educadores mineiros prestassem ao caso uma attenção porventura mais acurada, mais carinhosa e que promovessem, desde já, a criação de um centro de Eugenia, com a séde na capital e ramificação por todo Estado, antes mesmo que os poderes publicos, vivamente interessados na remodelação do ensino normal, ampliem a cadeira de psychologia experimental nas escolas officiaes e equiparadas, especializando o estudo daquella sciencia até onde convier ás relações existentes entre ella e a educação da infancia escolar.

As escolas normaes são indubitavelmente o campo mais apropriado para o desenvolvimento desses estudos, como verdadeiros laboratorios para a formação dos elementos que directa e preponderantemente hão de actuar no organismo educacional.

Com professores inhabeis ou insufficientemente preparados não conseguiremos jámais ultrapassar os limites da rotina, da mediocridade, embora com excesso de enthusiasmo e de bôa vontade; não lograremos por em pratica os modernos processos que a pedagogia e as sciencias que lhe são correlatas nos offerecem para attingirmos o *desideratum* da educação nova, tão apregoada e tão longe de ser ainda uma realidade em nosso paiz.

Vivemos ainda atados a tradições que em nada nos honram nem favorecem.

O pessoal do ensino em sua maioria carece de um espirito novo e de uma capacidade tambem nova que o façam comprehender que é passado o tempo em que apenas se via na criança *uma intelligencia a ser ornamentada e uma vontade que devia submetter-se a normas e preconceitos de caracter puramente formalistico e artificial.*

Toda professora, além dos caracteristicos de uma individualidade profundamente instruida na sua sciencia, deve estar apparelhada dos recursos de uma educação especializada para o desempenho de sua alta missão. Não póde nem deve ancilosar-se indifferentemente no commodismo da rotina, deixando que o precioso tempo se escôe e desattenta ficando aos supremos interesses da Patria que precisa de gerações educadas á moderna, afim de arcar com as responsabilidades do presente e, ainda maiores, do futuro.

Tremendas, sem duvida, se annunciam estas para as nações que se encontrarem incapazes de supportar o confronto com as que se supercivilizam e que são tambem as que justamente mais cuidam da educação de seus povos.

Não nos esqueçamos, por isso mesmo, de que o seculo actual é bem o *seculo da criança*.

Encetemos, pois, sem tardança esta obra culminante, e nós, os professores, nos preparemos para a acção do momento e para as eventualidades do futuro. Remodelemos as nossas escolas normaes de que tanto depende a formação integral do professorado. Transformemol-as de meros cursos de preparatorios em centros de cultura e aperfeiçoamento pedagogico.

Os frutos podem não ser immediatos, mas não hão de falhar.

Chi dura lo vince.

LINDOLPHO GOMES.

Associação das Mães

O Regulamento do Ensino Primario faz, no seu art. 88, mensão ás associações das Mães de familia, associações inexistentes ainda em Minas, porém que os melhores fructos têm dado no Velho Mundo e na America do Norte, paiz de extraordinarias surprezas pelo arrojo de suas iniciativas, muitas das

quaes invertem completamente os velhos methodos até então adoptados.

E tem razão o legislador. Na solução do problema da educação—physica, moral e intellectual—são tres os factores que andarão sempre juntos—o medico, a familia e a escola, sendo o primeiro e a ultima auxiliares da segunda, que não poderia completar por si só, a obra da educação da prole.

Omer Buise se refere ligeiramente ás *Uniões das Mães*, na sua explendida obra sobre os methodos americanos de educação, attribuindo-lhe larga e profunda influencia sobre a orientação do ensino primario nos Estados Unidos.

Faria de Vasconcellos tambem se refere ás associações das Mães, mostra a necessidade de sua cooperação e declara que «o estudo scientifico da creança, a collaboração do medico e do pedagogista, tornar-se-iam estereis quando não nocivas, si a familia contrariasse ou prejudicasse a obra da escola».

Essa collaboração é necessaria: é a força capaz de dar maxima efficacia ás leis sobre o ensino.

«Obras são amores . . Todos os decretos do mundo não bastariam para fazer de um analphabeto um civilizado» (Posadas *Pedagogia*).

E' por isso que o novo Regulamento sabiamente suggere essa cooperação, que elle deseja espontanea, nada dispondo sobre sua organização e funccionamento.

E' que a mulher sabe educar pelo exemplo, pelo carinho, pela persuasão; tem o espirito de devotamento, de sacrificio, mesmo: sendo os joelhos das Mães o primeiro banco de escola (Perez), é sobre elles que se assenta o futuro de uma nação (A. Campos).

Pestolozzi considerava a Mãe de familia como o typo de verdadeiro educador primario, a quem compete esclarecer e cultivar a intelligencia dos filhos de tal modo que a escola seja tão sómente a continuadora da obra maternal.

A influencia que as associações regulares das Mães de familia podem exercer sobre as escolas é grande, como grande é o beneficio que dellas receberão. Primeiro, dessa intima collaboração com as professoras nascerá a confiança das Mães na obra da escola, surprehender nos filhos, pequenos defeitos dissimulados na sua presença, e os poderão corrigir; depois, prestarão informações preciosas á professora, medico da alma, como as prestam ao facultativo que lhes vae curar os filhos.

Sobrecarregadas como se acham as nossas escolas, de programmas cada vez mais complexos, não dispõem de tempo sufficiente para fazer a educação moral dos alumnos. Os conselhos e exemplos prestam, é verdade, auxilio precioso na obra da educação, porém mais na parte que se refere ao trato social, á urbanidade.

A escola publica é um meio heterogeneo, forte bastante para influir sobre o caracter em formação das creanças, cujos habitos moraes adquiridos em casa, não têm ainda raizes muito profundas.

Agostinho Campos, que se lê sempre com prazer, acha que a escola deve modificar os seus processos, dando maior destaque ao ensino moral, não por meio de leis e reformas escriptas, mas pela pressão moral das familias», cuja missão em que muitas falharam de modo lamentavel, é da mais alta gravidade, tanto mais que é lá que as creanças recebem as primeiras impressões e adquirem os primeiros habitos, que exercerão sobre elles influencia por toda a vida.

Admira-se Spencer de que as leis não exijam conhecimento algum para uma mulher ser mãe, quando leva o seu rigor ao ponto de não permittir que alguem possa tratar da saúde ou dos interesses de outrem sem largos annos de estudo e . . . sem um certificado em regra.

E que advem dahi? Ouvimol-o sempre—«Minhas filhas são *incomprehensiveis*», Paulo Combes acredita-o bem, explicando que a unica mãe que tiveram taes meninas, foram as amas e as aias (1).

São as anecdotas suspeitas, as historias aterrorizadoras, as canções de *cabarets* que agiram sobre a alma em formação d'aquellas creanças, e quando alguem pede a attenção dos paes, desculpam-se—«As creanças não comprehendem», esquecidos de que «não se deve encher inutilmente a imaginação dos pequenos de cousas que não *podem* e, em todo caso não *devem* comprehender».

(El alma de vuestro hijo).

Além disso, são sementes que ficam guardadas e que a seu tempo germinarão á luz plena da consciencia, que as comprehenderá por fim.

As Mães estão, via de regra, occupadas nos seu affazeres, si pobres ou «occupadas» com as exigencias sociaes—visitas, chás, reuniões, etc.—quando ricas. De qualquer modo, os filhos são internados em collegios ou entregues a amas pouco amorosas, cujos trucs para se divertirem ás occultas dos patrões não passam despercebidas ás creanças, que, além disso, são ameaçadas, o que é máo ou subornados, o que é ainda peior, para não contarem o que viram.

Bellissima educação, não ha duvida.

A simples disposição da lei do ensino declarando orgams de consultas as referidas associações, sempre que se trate da «efficiencia e moralidade» do ensino, é um appello intelligente ás Mães para que se reunam e façam valer os seus direitos, exercidos pelo Estado—não de plano, mas para completar uma tarefa que a familia deixa inacabada quase sempre, e muitas vezes toda por se fazer.

Reunam-se, discutam as questões palpitantes do ensino e da educação. Que as Mães intelligentes e cultas orientem e esclareçam as que não têm estudo. Que a mais perfeita cordialidade reine nessas reuniões, sem preoccupação de religião ou de classes, niveladas, por momentos, ao menos, pelo nome sagrado de Mães, numa permuta constante de ensinamentos e de energias.

Assim, o nobre movimento que o Regulamento do Ensino quiz despertar deve se fazer sentir logo e intensamente por todos os recantos do Estado.

Nas cidades, villas, arraiaes, onde houver Mães de familia bem intencionadas, uma associação se levantará como um esteio da sociedade a da ordem.

Actuarão sobre as escolas e sobre todo o orga-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

nismo social; as Mães se habilitarão para a sua gloriosa tarefa, preparando o seu espirito, enriquecendo-o de conhecimentos, illuminando-o, pois si, como pondera André Angiulli, «sem a familia, a educação carece de base; sem a sciencia, carece de norma e de criterio».

ALCEU DE SOUZA NOVAES.

ASSISTENCIA MEDICO ESCOLAR

Da necessidade de uma estreita alliança entre a familia, o medico e a escola, sómente poderá duvidar quem jámais encarou a questão mesmo de passagem: é o truimvirato protector das creanças e, por isso, da sociedade e da raça.

Cada vez mais se confirmam as palavras aureas de Montaigne. «Não é uma alma e não é um corpo que dirigimos: é um homem», e o velho brocardo *Mens sana in corpore sano*, toma vulto e importancia nesses tempos de «volta ao corpo», depois de um largo periodo em que este fôra esquecido em um pseudo proveito da parte nobre, que é a alma.

Demoulins encontrou, mesmo, uma formula feliz para o velho aphorismo de Platão: *«L'école doit developper à le fois, chez l'enfant, la largueur de l'intelligence et la largueur de la poitrine.*

Vigiar o desenvolvimento das creanças, medir-lhes o crescimento e acuidade dos sentidos, auxiliando a natureza, quer evitando excessos, quer lhes fornecendo remedios e outros correctivos, tal é a tarefa do medico em relação aos alumnos, tarefa accrescida de outras não menos importantes e graves o combate aos defeitos originados por uma posição viciada e longamente mantida, como a escoliose, a cyphose, a myopia, etc.

A edade escolar abrange, em Minas, dois dos tres periodos importantes da vida dos meninos: a crise de crescimento, aos 7 annos, e a crise da puberdade, dos 12 aos 14.

Ambos affectam penosamente os alumnos, solicitando, quer para a evolução do seu organismo, quer para a sua adaptação a novas funcções, todos os recursos da natureza, que não poderão ser desviados sem grave prejuizo para a saude.

As molestias cujo desenvolvimento é favorecido pelo meio escolar merecem especial cuidado, propaganda activa para a prophylaxia e cura: o sarampo, a coqueluche, algumas molestias dos olhos, pelle, a syphilis, etc.

As molestias do apparelho circulatorio, devidas a uma posição mal cuidada, que origina *cephalalgia escolar* e epistaxe, são constantes nos alumnos, principalmente si a sala é pequena, o ar viciado pelo excesso de creanças, a posição encurvada e insufficientes os movimentos respiratorios.

Guillaume, na sua *Hygiene escolar* declara haver encontrado sobre 731 estudantes — 296 sujeitos a frequentes dores de cabeça, e 155 que padeciam de hemorragia nasal.

As perturbações abdominaes devidas á posição assentada longamente mantida (peso no estomago, digestão difficil, inappetencia, etc.) são factos observados quotidianamente. A's vezes, porém, passam despercebidos ao professor que, notando a desattenção dos alumnos, procura corrigir-lhes um defeito de circulação sanguinea por exemplo, por meio de algum castigo mais ou menos severo... conforme a gravidade do máo estar.

A mesma posição assentada e immovel muito prolongada, a respiração pouco profunda, não fazendo trabalhar o apice dos pulmões, a poeira inevitavel, produzem predisposições á tuberculose, cujo diagnostico precoce é uma necessidade para a salvação do doente.

Raros por aqui, têm sido observados, todavia, casos de «papo escolar», tumefação da glandula thyreoide produzida pela posição encurvada do alumno ao escrever, etc. e pelo uso de roupas apertadas que não permittem a livre circulação do sangue.

Os phenomenos de congestão peripherica, ainda occasionam outros males, entre os quaes as violentas «dores de dentes de escolares», que privam as escolas da frequencia de excellentes alumnos.

Esse mal é aggravado pelo facto de não estar completa a segunda dentição, quando o menino deixa a vida livre, dos jogos, pela immobilidade da classe, dentição que é, assim, grandemente prejudicada.

A percentagem de anemiados e chloroticos é grande; os ancylostomiados, os que soffrem de outros parasytos intestinaes, os myopes, os duros de ouvidos, os que padecem de vegetações adenoides e tantos outros, formam legiões nas escolas.

Temos ahi uma lista pequena dos males que se encontram entre os estudantes, males que podem ser promptamente jugulados por uma acção conjugada do professor intelligente e do medico humanitario.

E não são sómente esses males. Quantas creanças pobres frequentam com extraordinario sacrificio as aulas de algum estabelecimento publico e, afinal, não conseguem, devido a enfermidades e defeitos organicos, um resultado que compense o seu heroico esforço.

Examinar periodicamente essas creanças, tratal-as medical-as, tal é o fim do serviço de assistencia medico-escolar, cuja creação se impõe á illustre classe medica e ao proficiente e caridoso corpo de pharmaceuticos e dentistas, mesmo antes da acção dos poderes publicos.

(Continúa)

Alceu de Souza Novaes.

AVISO

Muitos artigos de collaboradores da *Revista* deixam de ser publicados no presente numero, por nos terem sido remettidos um pouco tarde. Apparecerão opportunamente.

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES